



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social
Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia
Emmerson Aguilar

***It's always six o'clock now: as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da pressa,
das acelerações do tempo e dos diferentes momentos da evolução das
tecnologias da comunicação***

Natal – RN

2017



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social
Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia
Emmerson Aguilar

***It's always six o'clock now: as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da pressa,
das acelerações do tempo e dos diferentes momentos da evolução das
tecnologias da comunicação***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPGEM na linha de pesquisa Estudos das Mídias e Práticas Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sob a orientação do Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

Natal – RN

2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Oliveira, Emmerson Aguilar.

It's always six o'clock now : as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da imprensa, das acelerações do tempo e dos diferentes momentos da evolução das tecnologias da comunicação / Emmerson Aguilar de Oliveira. - 2017.

89 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

1. Comunicação. 2. Teoria da informação. 3. Percepção temporal. 4. Práticas sociais. I. Lacerda, Juciano de Sousa. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.4

Emmerson Aguilar

***It's always six o'clock now: as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da pressa,
das acelerações do tempo e dos diferentes momentos da evolução das
tecnologias da comunicação***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPGEM na linha de pesquisa Estudos das Mídias e Práticas Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sob a orientação do Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientador

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Examinador Externo

Prof^a. Dr^a. Maria Érica de Oliveira Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinadora Interna

Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno – Suplente

Aos meus pais, João e Adélia, por estarem sempre perto, mesmo a 1.528km de distância. O tempo e o espaço têm muito a aprender com vocês.

Agradecimentos

A Deus, que estabeleceu um tempo para todas as coisas.

A minha família do país Maranhão. A menor lembrança já é capaz de me proporcionar um sorriso que se estende de orelha a orelha.

A minha família do país Alagoas, pelo incentivo e apoio incondicional em todos os momentos.

A Juliana Hermenegildo e seu coração gigante, sempre salvando um mineiro perdido em Natal.

A Juliana Holanda e Victor Campos. Vocês têm a capacidade de renovar os meus conceitos de amizade e gratidão a cada dia.

Aos professores Enio Moraes Júnior e Arrisete Costa. A paixão de vocês pela Comunicação Social e pela História é contagiante. O reinício da minha jornada acadêmica carrega o brilho dos olhos de vocês.

Ao Dilson Kossoski. Uma das minhas primeiras vitórias nas batalhas com o tempo e com o espaço só foi possível devido ao seu apoio e confiança.

Ao Prof. Juciano Lacerda. Por acreditar, desde o nosso primeiro contato, e me encorajar a superar desafios.

Ao grande parceiro Jamal Singh, por seu super poder de encurtar as distâncias entre Maceió e Natal.

A Prof^a. Maria Érica de Oliveira Lima. Você deixou marcas em várias partes deste texto e também na minha vida pessoal. Quando eu crescer, quero ser igual a você.

A Lidia Ramires, por ceder ouvidos, braços, mente e coração, desde quando esta dissertação era apenas uma ideia borbulhando na minha cabeça.

Ao Prof. Marcelo Bolshaw. É impossível sair do mesmo tamanho depois de uma conversa com você.

A Prof. Suelly Maux. Eu não conseguia entender a dimensão da paixão a primeira vista que experimentei quando eu te conheci. Hoje eu entendo.

Ao Prof. Efendy Maldonado. Compartilhar da sua presença e receber suas contribuições foi um privilégio e uma honra. Você ajudou a transformar a minha linha de chegada em uma nova linha de partida.

Ao Get Up Hostel, meu primeiro porto seguro e onde encontrei meus primeiros amigos na Terra do Sol.

Aos entrevistados que cederam um tempo nos seus dias, permitindo que conquistássemos novos espaços no universo da pesquisa.

Ao Ricardo Mion e a Patrícia Madeiro, por provarem frequentemente da existência de amigos que se tornam irmãos.

Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje todos têm relógios.

Eno Teodoro Wanke

Resumo

A pesquisa propõe reflexões sobre a percepção do tempo em diferentes momentos da evolução das tecnologias da comunicação, a saber: (1) período do predomínio dos jornais, revistas, rádio e cinema, (2) período de expansão da televisão no Brasil e (3) período que compreende a expansão do uso da internet e do surgimento das transmissões via satélite. Discute, assim, a percepção do tempo, traduzida pelas práticas sociais associadas à pressa de três décadas distintas: a de 1930, a de 1960 e a de 1990, e a associação de uma percepção acelerada da passagem do tempo com as tecnologias abordadas no trabalho. A base empírica do trabalho consiste em nove entrevistas realizadas de acordo com as técnicas da História Oral, uma proposta teórico-metodológica que agregou novas possibilidades às técnicas já conhecidas e largamente aplicadas nas investigações conduzidas nas Ciências da Comunicação, proporcionando novos horizontes, devido à revalorização de experiências únicas e individualizando vozes em um período histórico onde a “globalização” fortalece o conceito de massas. A fundamentação teórica da pesquisa apresenta reflexões balizadas principalmente por Norval Baitello Junior, José Carlos Meihy, Renato Ortiz, Stephen Bertman e Paul Virilio. A abordagem hermenêutica proposta por Michel de Certeau atuou como base no tratamento das informações coletadas nos trabalhos de campo desenvolvidos durante a pesquisa.

Palavras-chave: Teorias da Comunicação; Disjunção do tempo e do espaço; Percepção do tempo; Práticas Sociais; Tecnologias.

Abstract

This research proposes reflections about the perception of time in different periods of communication technologies evolution, such as: (1) the period of newspapers, magazines, radio and the cinema predominance, (2) the period of the television expansion in Brazil and (3) the period that consists of the expansion of the use of internet and the advent of satellite transmissions. Thus, it discusses the perception of time through the social practices related to hurry of three different generations: the 30's, the 60's and the 90's, and the relation established between an accelerated perception of time and the technologies studied in this dissertation. The empirical basis of the research consists of nine interviews which were held according to the Oral History techniques, a theoretical-methodology proposal that added new possibilities to the already known techniques and are widely applied in researches conducted by the Communication Sciences, providing new horizons, due to the revaluing of single experiences and individualizing voices in a historical period where “globalization” fortifies the mass concept. The research theoretical foundation shows reflections based specially on Norval Baitello Junior, José Carlos Meihy, Renato Ortiz, Stephen Bertman and Paul Virilio. The hermeneutical approach proposed by Michel de Certeau acted as the basis in the processing of the information collected in the field research developed during the investigation.

Key-words: Communication Theories; Time and space disjunction; Perception of time; Social Practices; Technologies.

Lista de ilustrações

Gráfico 1: Visão geral da leitura de revistas	67
Gráfico 2: Visão por década da leitura de revistas.	67
Gráfico 3: Visão geral da leitura de jornais.	67
Gráfico 4: Visão por década da leitura de jornais.	67
Gráfico 5: Visão geral do uso do rádio.	68
Gráfico 6: Visão por década do uso do rádio.	68
Gráfico 7: Visão geral do uso da televisão.	69
Gráfico 8: Visão por década do uso da televisão.	69
Gráfico 9: Visão geral do uso do cinema.	70
Gráfico 10: Visão por década do uso do cinema.	70
Gráfico 11: Visão geral do uso da internet.	70
Gráfico 12: Visão por década do uso da internet.	70
Gráfico 13: Visão geral da associação da percepção da passagem do tempo com as tecnologias	73
Gráfico 14: Visão por década da associação da percepção da passagem do tempo com as tecnologias	73
Gráfico 15: Visão geral sobre a pressa	75
Gráfico 16: Visão por década sobre a pressa	75

Lista de Tabelas

Tabela 01 – Categorias envolvidas na pesquisa: encadeamento e relações.	49
Tabela 02 – Distribuição dos entrevistados por década e o lugar social.	63
Tabela 03 – Amostragem das mídias alagoanas disponíveis em Maceió-AL por década.	66

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
2 <i>IT'S ALWAYS SIX O'CLOCK NOW</i>	19
2.1 O tempo.	19
2.2 O espaço.	21
2.3 A aceleração.	23
3 AMANTE DO ÂMBAR: A ESCALADA DA ACELERAÇÃO	27
3.1 O telégrafo.	30
3.2 O motor a vapor, as ferrovias e os serviços postais.	31
3.3 O rádio.	32
3.4 A televisão.	33
3.5 As transmissões via satélite.	35
3.6 A internet.	35
4 <i>I SHALL BE TOO LATE</i>	38
4.1 Mover-se: desejo de ontem e de hoje.	41
4.2 A pressa.	42
5 METODOLOGIA DA PESQUISA EMPÍRICA	46
5.1 A História Oral.	49
5.2 História Oral e Memória.	53
5.3 A base empírica.	56
5.4 O processo de análise das informações coletadas.	57
6 AS PESSOAS E O TEMPO: INDIVIDUALIZANDO DIFERENÇAS	60
6.1 Estabelecendo as fontes	61
6.2 Estabelecendo o lugar social	63
6.3 Estabelecendo as diferenças.	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
Referências	83
Apêndice A – Projeto de História Oral	87
Apêndice B – Roteiro da entrevista	89
Apêndice C – Carta de cessão	90

1 INTRODUÇÃO

Era um dia especial na corte da Rainha de Copas. O clima de expectativa, tensão e ansiedade dominavam o ambiente – finalmente chegara o dia do Grande Concerto. O Chapeleiro assume uma posição de destaque entre os nobres convidados e inicia a sua apresentação. Para sua surpresa e desespero, antes mesmo do final do primeiro verso, a canção é interrompida. A rainha, insatisfeita, levanta-se do trono e esbraveja: “Ele está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!” (CARROLL, 2015, p.60). Segundos de silêncio pesaram sobre o salão. Pareciam intermináveis. Mas, de alguma forma, foram positivos. Eles influenciaram a disposição da rainha e a fizeram alterar o triste destino do Chapeleiro. Bem, não completamente. Após revirar seus pensamentos e concluir de que se tratava de uma apresentação que não iria revelar melhores resultados, ela se dirige ao sùdito e proclama sua condenação: “São sempre seis horas da tarde agora!”¹ (CARROLL, 2015, p.60). A partir daquele momento o Chapeleiro estava sentenciado a ficar preso dentro de uma unidade do espaço e do tempo que sempre marcaria para ele as mesmas horas. Em sua cultura, isto significaria repetir a rotina específica do horário, mais precisamente, a hora do chá. Alice finalmente pode compreender a razão de tantas louças sujas empilhadas: não havia tempo para lavá-las.

Amplamente conhecidas e acessíveis através de plataformas diferentes, estas imagens e personagens pertencem ao clássico *Alice's Adventures in Wonderland*, de Lewis Carroll (2015). Na obra, marcada pela ficção e pelo estilo *non sense*, podemos observar, em vários momentos, a influência do tempo nos acontecimentos. No mundo físico, podemos constatar semelhante observação. Não estamos afirmando com isso que estamos presos a uma unidade de tempo específico, como as seis horas da tarde, conhecida em nossa cultura como a hora do *rush*². Mas sim, convidá-lo a uma reflexão onde estão presentes alguns fatores específicos deste horário, que agora estende suas características, como a pressa e a urgência pela velocidade, nas 24 horas que compõem um dia: *it's always six o'clock now*³.

As tecnologias presentes em nossa rotina diária reforçam essa constatação. É dicotômico pensarmos em dispositivos eletrônicos, fortemente atrelados ao dia-a-dia do

¹ No original: “*It's always six o'clock now*”. Tradução nossa.

² Período do dia marcado por um grande movimento de pessoas e de um tráfego intenso.

³ São sempre seis horas da tarde agora. Tradução nossa.

homem, e os dissociarmos dos conceitos de velocidade, instantaneidade, imediatismo, simultaneidade e acessibilidade. As ruas de um mundo que vive em um contexto midiático dominado pela ditadura da velocidade das imagens, expõem pessoas apressadas, em uma corrida acelerada para o cumprimento de metas e expectativas que se renovam ao ritmo das novidades tecnológicas e das mensagens de um mundo visto como “globalizado”. As ruas espelham as telas.

Com o desenvolvimento dos novos meios de transporte e comunicação, aliado à sempre mais intensiva expansão da economia capitalista orientada para a rápida movimentação de capital e de bens, a importância das barreiras espaciais vem declinando à medida que o ritmo da vida social se acelera (THOMPSON, 2009, p.40).

Esta condição de seres impregnados de velocidade, de uma pressa para conseguir acompanhar o ritmo de relógios que insistem em contrariar a matemática dos números sequenciais, nos motiva. E esta motivação vem de vários fatores que tiveram origem quando visualizamos as possibilidades das contribuições da pesquisa.

Consideremos, inicialmente, a relevância social e cultural do assunto, uma vez que ela aborda as tecnologias que fazem parte de forma intensa na rotina do homem, proporcionando formas diferenciadas de viver e de vida em sociedade. Identificar maneiras de viver, ou seja, identificar as práticas sociais que foram percebidas sob a influência da velocidade, tornou-se um referencial nesta pesquisa. Isto significa dar uma posição de destaque para indivíduos inseridos em um contexto midiático, que incorporaram o uso da televisão, do cinema, do rádio, das mídias impressas, de celulares e da internet em suas rotinas. Os testemunhos destes proporcionaram a formulação de questionamentos e contribuições possibilitando uma junção da pesquisa teórica com uma base empírica, imprescindível para o alcance dos objetivos da discussão.

Este é um assunto pouco explorado nas Teorias da Comunicação e das Mídias. As pesquisas iniciais realizadas para o desenvolvimento deste trabalho revelaram isto e atuaram como potencializadores para persistirmos nesta investigação. Contemplamos, assim, as contribuições deste para os programas de estudos das mídias e para a linha de pesquisa do qual faz parte, alargando e aprofundando o conhecimento acadêmico de uma forma geral e, conseqüentemente, alcançando a sociedade.

Como uma via de mão-dupla, acreditamos no caminho inverso proporcionado por este trabalho. A necessidade apresentada de investigação sobre os ambientes gerados pelas tecnologias na comunicação, bem como uma reflexão em relação aos seus impactos na sociedade, possibilitaram um espaço para discussões que podem contribuir para a qualidade de vida das pessoas.

[O desenvolvimento da comunicação] não apenas gerou um florescente mercado de trabalho para novas habilidades em comunicação, *mas também gerou a necessidade de reflexões prospectivas sobre os novos ambientes gerados pelas novas comunicações*. Não apenas reflexões sobre produtos ou sobre linguagens e suas codificações colocam-se numa ordem do dia questionadora e crítica, mas cenários, prospecções de impactos, cálculos de efeitos possíveis, negativos e positivos, é isto que importa a uma Teoria da Mídia tal qual ela se delineou desde o início dos anos 90 nos países europeus [...] (BAITELLO JUNIOR, 2010, pp.9-10. Grifo nosso).

O objetivo geral que norteou o desenvolvimento desta dissertação foi o de identificar as práticas sociais associadas à percepção do tempo e a relação destas com o surgimento e a expansão das principais tecnologias da Comunicação Social e das Mídias nos séculos XX e XXI. Seguindo esta direção, e pautados nos objetivos específicos do trabalho, foram relacionadas teorias que tratam da velocidade, da pressa, da instantaneidade, do imediatismo, da simultaneidade e da aceleração, observando a evolução destes conceitos com a inserção de novos aparatos tecnológicos relacionados à Comunicação Social e aos estudos das Mídias. Também foram investigadas a construção e a representação que as tecnologias e as mídias fazem no processo da percepção do tempo.

Um outro objetivo específico perseguido na fase empírica do trabalho foi o de verificar experiências da percepção do tempo, construídas e estabelecidas através de uma relação com as tecnologias da Comunicação Social e das Mídias, em Maceió-AL. A pesquisa foi realizada com nove entrevistados que vivenciaram as principais tecnologias abordadas neste trabalho, divididos em três grupos com o mesmo número de participantes. Para a participação em cada grupo, foi observado, além da habilidade de reconstituição de experiências, o critério da data de nascimento, ou seja, nascidos na década de 1930, 1960 e 1990.

Contemplando estes objetivos, apresentamos no capítulo dois o resultado do levantamento bibliográfico a respeito das principais categorias que balizaram conceitualmente toda a narrativa. Ali, o leitor tem acesso ao conceito da categoria “tempo” e a evolução da sua

compreensão. O texto se apoia na Física, através de uma abordagem newtoniana, mas também conta com um aporte teórico encontrado na Filosofia, utilizando, como referências principais, S. Agostinho, Bergson e Heidegger. Na sequência, a categoria “espaço” é desenvolvida, evidenciando a relação existente com o tempo. A terceira e última parte desse capítulo apresenta, utilizando David Harvey (2010) e Norval Baitello Junior (2010) como principais referenciais teóricos, o conceito da categoria “aceleração”.

Na sequência, a pesquisa relaciona algumas das principais conquistas tecnológicas alcançadas pelo homem a partir da utilização do vapor e do surgimento e expansão do uso da eletricidade como força motriz. Recebem destaque os meios de transporte, o telégrafo, o rádio, cinema, as mídias impressas, a televisão, a internet e as transmissões via satélite. O objetivo deste capítulo não é apresentar a história destas tecnologias, mas sim, o surgimento, a expansão destas e suas relações com o fenômeno da escalada da aceleração.

O quarto capítulo discute a pressa e sua associação com a aceleração. O leitor é envolvido em uma reflexão sobre a arqueologia da pressa, ideologia e poder. A ideia básica é evidenciar que a aceleração, entendida como uma “compressão do tempo e do espaço” (HARVEY, 2010), já era um fenômeno presente existente há muitos séculos atrás, desde as primeiras iniciativas do homem em reduzir os valores do tempo na tentativa de alcançar distâncias maiores. Utilizando o pensamento desenvolvido por Bertman (1998) sobre a pressa, além de peças publicitárias em periódicos, o leitor é confrontado com a necessidade demonstrada pelo homem em vencer as barreiras do tempo e do espaço presentes em registros históricos que antecedem as conquistas tecnológicas da área da Comunicação Social e das Mídias nos séculos XX e XXI.

O capítulo cinco dedica-se ao percurso metodológico percorrido para o desenvolvimento do trabalho. Nele são discutidas as etapas e os desafios superados para o desenvolvimento do levantamento bibliográfico necessário para a execução da fundamentação teórica e da “pesquisa da pesquisa” (BONIN, 2008). Tal movimento tornou-se pertinente, porque estamos trabalhando com categorias que foram pouco exploradas antes de 1980, revelando a inexistência de pesquisas numerosas sobre o tema. São apresentadas, também, as fases executadas para a realização da pesquisa empírica: o critério adotado para a escolha dos entrevistados, a divisão destes em três grupos, o roteiro das entrevistas, os caminhos percorridos para a realização destas, as dificuldades encontradas durante a aplicação das entrevistas, os resultados da pesquisa e, por último, o tratamento das informações obtidas. São

apresentadas as justificativas para a escolha do método hermenêutico de análise proposto por Michel de Certeau (2010), acompanhadas por uma discussão das suas principais premissas. As principais conclusões desta pesquisa de campo, ou seja, um exercício de diálogo entre teoria e empiria, são encontradas logo após todas estas considerações.

Inquietava-nos, antes mesmo da construção do projeto desta pesquisa, algumas hipóteses. A primeira delas era o grande espaço dado às teorias acerca da compressão do tempo e do espaço nos dias atuais, em detrimento da escassez de discussões abordando o tema anteriores ao período do advento da rede mundial de computadores. Isso fortalecia uma associação do fenômeno pesquisado apenas às tecnologias da Comunicação Social que surgiram a partir de 1980 e 1990. Partimos em busca de resposta que nos sinalizassem a existência, ou não, da percepção de tempo acelerado e da pressa na primeira metade do século XX e, principalmente, se havia uma associação direta desta percepção com as tecnologias da área da Comunicação Social e das Mídias neste período.

Estamos, assim, diante de uma nova qualificação de vida, onde os meios e os hipermeios implicam a existência de um bios virtual (SODRÉ, 2002)? Ou ainda, e agora de acordo com Ribeiro (2012), as tecnologias estão progressivamente constituindo uma segunda natureza no homem, um espaço que tem a capacidade de ser interno e externo a ele ao mesmo tempo? Uma qualificação de vida marcada por uma busca incansável de novas sensações que são alimentadas pela revolução da eletricidade e da era das imagens?

Motiva-nos o fato de que estamos diante de muitas possibilidades e facilidades nos processos da comunicação humana. Mais ainda, de possibilidades que se renovam com a velocidade da transmissão das informações que cobrem toda a superfície do planeta. A velocidade, a simultaneidade, a mobilidade, a acessibilidade são contribuições significativas para o mundo. Porém, acreditamos ser sempre propícia e fecunda qualquer discussão a respeito dos efeitos sociais que estão subjacentes a estas contribuições.

Barère, logo após a conquista de Quesnoy em 1794, transmite a seguinte mensagem para a Assembleia Legislativa Francesa via telégrafo: “através desta invenção as distâncias até os locais desapareceram” (VIRILIO, 1996, p.42). Distâncias que desaparecem, tempos que aceleram e culturas a preservar. Enquanto pesquisadores da Comunicação Social, ainda temos uma longa distância a ser percorrida.

2 IT'S ALWAYS SIX O'CLOCK NOW

É de fundamental importância, neste início da discussão, estruturarmos em um nível conceitual três categorias que estão diretamente relacionadas com o tema que propomos a pesquisar. Essas categorias são o tempo, o espaço e a aceleração. Este movimento inicial se justifica por necessitarmos de referenciais que atuem como balizadores para a compreensão das reflexões que são apresentadas durante o desenvolvimento do trabalho, assim como para alcançarmos os objetivos propostos. Nosso ponto de partida é com a categoria tempo.

2.1 O tempo

Esse é um objeto que recebeu contribuições de autores provenientes de várias áreas do conhecimento. Estamos cientes dessas contribuições, mas apresentamos aqui apenas os momentos da evolução conceitual do termo que possuam uma relação com a linha de discussão desta pesquisa. Assim, com nosso escopo definido e delimitado, utilizamos aportes teóricos encontrados na Física e na Filosofia.

Segundo Aguilar (2016b), para a Física, e mais especificamente para a mecânica clássica, que apóia-se nas contribuições de Isaac Newton, o tempo é algo absoluto. Colocando dessa forma, o tempo existe independente da matéria ou do espaço. Sob esta perspectiva, e apoiado nessa linha de raciocínio, o tempo é também uniforme. Estamos dizendo que, diante de qualquer situação, ele não terá alterações no seu valor. Nesta linha conceitual, o tempo é chamado de “duração”. De acordo com Newton, "o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e por sua própria natureza flui igualmente sem relação com nada de externo, e com outro nome, é chamado de duração"⁴.

A título de exercício, e também para demonstrarmos a evolução desse conceito na Física contemporânea, sabemos que a velocidade de um movimento e a massa dos objetos envolvidos neste movimento influenciam o conceito absoluto e uniforme apresentado por Newton. Referimos-nos aos estudos que foram conduzidos por Albert Einstein. O físico alemão manteve o conceito de tempo como ordem de sucessão, mas alterou a noção de sucessão como algo único e absoluto: “de um conceito de tempo absoluto, ele introduz a

⁴ Disponível em: < <http://efisica.if.usp.br/mecanica/curioso/tempo/fisica-clssica/>>. Acesso em: 15 nov.2015.

relatividade, apresentando à comunidade científica uma nova forma de se entender as questões do espaço-tempo” (AGUILAR, 2016a, p.3).

Embora adotemos neste trabalho a abordagem conceitual de um tempo contínuo e linear, fundamentado em Newton, precisamos recorrer também às contribuições da Filosofia. Isto é devido ao fato de estarmos conduzindo uma pesquisa que investiga a percepção do tempo. Vem de Abbagnano (2003) uma importante colaboração. O autor apresenta três concepções fundamentais e importantes para a compreensão do tempo: (a) como ordem mensurável do movimento, (b) como um movimento intuído e, (c) como estrutura de possibilidades.

Na primeira concepção, a compreensão do tempo tem uma relação com a noção de tempo cíclico do mundo. Nesta linha de raciocínio, as ideias de Aristóteles recebem destaque: “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois” (*Physicorus libri VIII*, 1950 apud ABBAGNANO, 2003, p.945). Na evolução histórica do conceito, essa concepção se une ao conceito proposto pela física newtoniana, ou seja, uma associação com intervalos demarcados, um raciocínio linear e matemático.

A segunda concepção nos é cara no desenvolvimento dessa pesquisa, pois ela define o tempo como movimento intuído. Daí se estabelece uma relação importante e que nos ajuda a formatar o conceito final de tempo que nos acompanha durante todo o texto. Segundo Descartes, “a intuição da mente *estende-se às coisas*, ao conhecimento de suas interconexões necessárias e a tudo o que o intelecto experimenta com precisão em si mesmo ou na imaginação” (*Regulae ad directionem ingenii*, 1629 apud ABBAGNANO, 2003, p.581. Grifo nosso). Estabelece-se assim, seguindo esse pensamento, a associação do conceito do movimento linear e contínuo, esse “número segundo o antes e o depois” de Aristóteles, e os processos que acontecem na mente. Configurando nossa definição final com outras palavras, diríamos que o conceito de tempo que fundamenta a pesquisa é a combinação da ideia de tempo linear, contínuo e a “representação consciente a partir das sensações” (COELHO, 2008, p.44), ou seja, a percepção.

O tempo da ciência é espacializado e, por isso, não tem nenhuma das características que a consciência lhe atribui. Ele é representado como uma linha, mas a linha é imóvel, enquanto o tempo é mobilidade. A linha já está feita, ao passo que o tempo é aquilo que se faz [a força do *agora*]; aliás, é aquilo graças a que todas as coisas se fazem (BERGSON, 1934 apud ABBAGNANO, 2003, p.947).

Kirchner (2012) apresenta que o pensamento de Heidegger reforça o conceito que propomos nessa pesquisa para a categoria tempo. Em uma aula de habilitação ministrada pelo filósofo em 1915⁵, há ênfase em dois aspectos na definição do tempo:

(1) Que o tempo muda, se altera, implicando, portanto, uma passagem entre o antes e o depois [e] (2) que o tempo é múltiplo, que possui várias dimensões. [...] De certo modo, na primeira ideia está presente a concepção aristotélica de tempo [...]; Na segunda ideia, quanto à multiplicidade do tempo e que o tempo certamente não é unidimensional, podemos perceber que, do mesmo modo como o “ser” deve ter mais de um “significado”, também o “tempo” é “multifário”, ou seja, o “tempo” deve ter mais de uma dimensão (KIRCHNER, 2012, pp.130-131).

Na terceira concepção fundamental da Filosofia, o tempo é apresentado como uma estrutura de possibilidades. Existe uma primazia do futuro em detrimento da força do presente da concepção anterior. E, mais uma vez, nos encontramos com Heidegger como um dos principais representantes dessa vertente. Em sua obra “Ser e tempo” (1927), o filósofo aborda, entre outros temas, a respeito da certeza da morte para o homem. Isso nos faz refletir se uma das hipóteses para a justificativa de uma urgência pela velocidade desloca-se das demandas ideológicas geradas pelo capitalismo para este sentimento de certeza de dias finitos apontados por Heidegger. Isto, porém, é uma discussão que será aprofundada em outro momento, em nossa tese de doutorado.

2.2 O espaço

O DeLorean que levava o cachorro Einstein atinge a marca de 140 km/h. Ao alcançar esta velocidade, o veículo desaparece, deixando apenas um rastro de fogo diante dos olhos eufóricos do Dr. Emmett Brown e dos olhos assustados de Marty McFly. Ao pensar na possibilidade de que Einstein tenha sido completamente desintegrado, o jovem personagem exclama: “Meu Deus do céu! Meu Deus, doutor! Você desintegrou o Einstein!”. E acrescenta, ainda em choque: “Onde eles estão?” A resposta do cientista adiciona ainda mais confusão aos pensamentos desconexos de McFly: “A pergunta certa é: quando eles estão?”⁶.

⁵ “O conceito de tempo na ciência histórica” (“*Der Zeitbegriff in der Geschichtswissenschaft*”) é o título da aula de habilitação ministrada por Heidegger no dia 27 de julho de 1915, em Friburgo.

⁶ Esta cena é apresentada no primeiro filme da trilogia “De volta para o futuro”, lançado em 1985 pela Universal Studios. Foi dirigido por Robert Zemeckis e tinha como principais atores Michael J. Fox e Christopher Lloyd.

Tempo e espaço. Essas duas categorias possuem uma estreita relação pelas equações direta e indiretamente proporcionais que possibilitam, principalmente devido ao patamar tecnológico que o homem alcançou e pelos fatores em comum que os influenciam, como a massa e a energia dos corpos, conforme ensinou Einstein. Há autores como Renato Ortiz (2015) que, além de reforçarem a relação existente entre estas categorias, chegam a afirmar o predomínio de uma sobre a outra.

Neste caso, o que me chama a atenção não é tanto a velocidade das coisas que circulam no interior da modernidade-mundo, mas o fato de nos encontrarmos diante da predominância da figura do espaço sobre o tempo. Foucault dizia numa de suas conferências que a grande obsessão do século XIX tinha sido a história. A época atual (ele escreve em 1984) seria marcada pelo espaço, a justaposição do simultâneo, do próximo e do distante (ORTIZ, 2015, p.79).

A explicação, segundo o autor citado, é simples. A herança intelectual dos séculos XVIII e XIX colocava algumas regiões do planeta em posição privilegiada, reforçando a ideia do predomínio do tempo, “na qual o passado e o futuro encontravam-se interligados por uma cadeia de eventos” (ORTIZ, 2015, p.81). A aproximação dos pontos distantes, desencadeada pelas tecnologias, possibilitou uma cisão da linha temporal, expondo as fragilidades na antiga concepção do binômio moderno-tradicional. Possibilitou também que a diversidade se tornasse uma realidade: “as partes desvinculam-se da flecha do tempo, possuem temporalidades próprias, constituem territorialidades específicas” (ORTIZ, 2015, p.81).

Os dispositivos móveis nos ajudam a desterritorializar, ou seja, a ultrapassar os limites de um território, na medida em que não ficamos mais sujeitos ao controle do espaço – como as pessoas que aproveitam as horas confinadas nos engarrafamentos das grandes cidades para conversar com os amigos por celular (BAGGIO, 2011, p.4).

Desde os tempos do Ensino Médio, aprendemos de uma forma bastante sintética, que o espaço é o deslocamento percorrido de um ponto a outro. Ou, em outras palavras, o espaço é o intervalo compreendido entre dois pontos. Porém, nesta pesquisa, tornou-se indispensável estabelecermos uma reflexão crítica em relação a esta aprendizagem, pois estamos lidando com um espaço que é percorrido em velocidades que exigem uma alteração na compreensão do conceito, ou ainda, estamos lidando com uma sobreposição das definições clássicas de tempo e de espaço: “devemos aceitar que o tempo não é completamente separado nem independente do espaço, mas se combina com ele para formar um objeto chamado espaço-tempo” (HAWKING, 2015, p.37). Precisamos, ainda, começar a refletir a respeito do não-

domínio do homem sobre o próprio espaço, contrariando as definições de espaço que são reforçadas pelos conceitos do tempo histórico ou social.

Dentro do atual sistema da natureza, o homem se afasta em definitivo da possibilidade de relações totalizantes com o seu próprio quinhão do território. De que vale indagar qual a fração da natureza que cabe a cada indivíduo ou a cada grupo, se o exercício da vida exige de todos uma referência constante a um grande número de lugares? Ali mesmo, onde moro, frequentemente não sei onde estou. Minha consciência depende de um fluxo multiforme de informações que me ultrapassam ou não me atingem, de modo que me escapam as possibilidades hoje tão numerosas e concretas de uso ou de ação (SANTOS, 2008, p.6).

Exatamente destas impossibilidades de relações totalizantes com o espaço que nos ocuparemos no próximo tópico.

2.3 A aceleração

Por aceleração entendemos uma nova maneira de se relacionar com o tempo e com o espaço. Em junho de 2008, a revista Época publicou em uma edição especial sobre tecnologias: “a partir do momento em que não faz mais diferença estar em algum lugar para ter, a todo o momento, acesso a serviços, pessoas ou informações, mudamos o jeito de nos relacionar com o espaço” (Época nº 528, p.117, 2008).

Assim, refletir sobre a aceleração é modificar o conhecimento de um cálculo diretamente proporcional presente previamente em nossa compreensão. Em um passado não muito distante, aprendíamos que um determinado espaço “A” demandaria um valor “X” de tempo para ser alcançado. Ou ainda, se quiséssemos alcançar o espaço “A+1”, o tempo necessário para este empreendimento seria “X+1”. Com as tecnologias, essa equação possui características um pouco mais complexas, incorporando, inclusive, o raciocínio inversamente proporcional: o mesmo espaço “A” que expomos acima é alcançado por um tempo “X reduzido”, possibilitado, por exemplo, pela capacidade das infovias⁷. Desta forma, para entendermos a aceleração, precisamos alterar as características de “concreto” ou “geograficamente delimitável” da nossa concepção anterior de espaço. Precisamos, ainda, reconstituí-lo, incorporando o perfil do abstrato, do virtual, do não-espaço e, com a

⁷ Infovias são estradas eletrônicas, linhas digitais, por onde trafegam dados, como imagens e textos.

possibilidade da simultaneidade proporcionada pelas tecnologias, dos múltiplos espaços. David Harvey (2010) denomina este fenômeno da aceleração como uma compressão do tempo e do espaço, e acrescenta:

Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra ‘compressão’ por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós (HARVEY, 2010, p.219).

Precisamos acrescentar um fator importante que é parte desse fenômeno da aceleração: a simultaneidade. O conhecimento acumulado do mundo, até o advento dos serviços de telecomunicação, permitia compreender a simultaneidade como a capacidade de estar fisicamente presente em dois lugares em uma mesma unidade de tempo. Ou seja, algo impossível para aquela época. Porém, com o surgimento e desenvolvimento do telégrafo no século XVIII, essa maneira de entender a simultaneidade adquire um perfil mais intangível, desvinculando a necessidade da presença física no espaço para que um evento pudesse acontecer, e possibilitando um novo horizonte na compreensão do tempo e do espaço.

Com o advento da disjunção entre espaço e tempo trazida pela telecomunicação, a experiência da simultaneidade separou-se de seu condicionamento espacial. Tornou-se possível experimentar eventos simultâneos, apesar de acontecerem em lugares completamente distintos (THOMPSON, 2009, p.37).

O acesso e a larga utilização de tecnologias neste século nos permitem ter uma fácil assimilação do conceito de simultaneidade. Não podemos, a despeito da familiaridade e facilidade na emissão e recebimento de mensagens através de dispositivos móveis e interconectados, deixar de perceber a assimetria complexa presente no fenômeno. Desdobrando o raciocínio apresentado no último parágrafo da página anterior, teremos agora o ponto “A” e outros pontos distintos, que chamaremos de “B”, “C” e “D” sendo atingidos pelo mesmo recorte temporal “X reduzido”. Isto representou um novo universo de possibilidades nos esquemas comunicacionais, ao ponto de Paul Virilio (1996) definir esse período com a palavra “revolução”.

Essa revolução que conquista antecipadamente, essa totalidade que perseguimos e que ainda escapa, essa terra prometida, expressões igualmente

vazias de sentido a menos de se referir a uma revolução tecnológica que inaugurou paralelamente na história da representação e, portanto na representação da história, uma nova percepção do espaço e do tempo (VIRILIO, 1996, pp.41-42).

A aceleração e a simultaneidade são temas importantes para compreendermos os principais efeitos que aconteceram na sociedade nos séculos XVIII e XIX. Neste, devido ao surgimento e expansão do uso da eletricidade, o mundo presenciou novas possibilidades tecnológicas, desenvolvendo uma relação ainda mais diferenciada e complexa entre o homem e o tempo, nas formas desses homens se relacionarem entre si e também com o território ao qual pertenciam.

Este ambiente marcado atualmente pela velocidade, devido às tecnologias e a eletricidade, foi antecipadamente anunciado no século XIX, por Aby Warburg. Ele viveu entre 1866 e 1929 e previu esta aceleração dos fluxos de temporalidade com quase cem anos de antecedência. Isto aconteceu em 1896, na cidade de San Francisco. Na ocasião, Warburg tinha a visão dos postes e seus fios elétricos que cortavam a cidade. Baitello Junior (2010) descreve esta experiência:

O que Warburg notou não foi outra coisa senão os primórdios da onipresença dos meios elétricos e sua capilaridade. O que vislumbrou aí com seu olhar agudo foi o princípio da eletrificação do planeta, uma epopeia que transformou a vida humana e sua sociabilidade, encurtando distâncias, anulando espaços (às vezes mesmo ignorando e invadindo as demarcações territoriais) e acelerando os fluxos de temporalidade, impondo aos meios de comunicação o ritmo do raio (BAITELLO JUNIOR, 2010, pp.60-61).

Distâncias e tempos que encurtam. O espaço e seus conceitos se rendem ao intangível, ao virtual, ao não-espaço. E, conforme diz Flusser (2008), de pessoas e lugares que não estão em lugar nenhum e também em nenhum tempo. Da necessidade da observação de conceitos essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, caminhamos para reflexões que nos exigiram uma modificação na forma de se relacionar e compreender os novos horizontes apresentados pelo tempo e pelo espaço, devido à aceleração.

[...] Nos dias atuais, houve uma separação entre espaço e tempo. Nas sociedades passadas, essas duas categorias encontravam-se interligadas, sendo modeladas pela situação específica de cada lugar. Entretanto, o processo de desterritorialização, a criação de “não-lugares”, o advento de uma cultura internacional-popular, distante de suas raízes nacionais ou regionais, afasta o plano espacial do vetor temporal. Ele se acelera porque já não se encontra

mais tolhido pelas fronteiras geográficas (GIDDENS, 1991 apud ORTIZ, 2015, pp.78-79).

Segundo Maldonado (2006), as grandes conquistas tecnológicas, como as máquinas e as ferramentas, as estradas de ferro, a navegação aeroespacial, a eletricidade, as telecomunicações, o transporte aéreo, a informatização, a cibernética biológica, a energia nuclear, as viagens espaciais astronômicas e a configuração de proporções digitais “tornaram possível mudanças aceleradas na configuração das sociedades nos últimos duzentos anos” (MALDONADO, 2006, p.279). E é exatamente este cenário das grandes revoluções tecnológicas que nos propomos a debruçar no capítulo seguinte, quando apresentamos uma contribuição, através do advento e da expansão dos principais aparatos tecnológicos relacionados com as Teorias das Mídias e a relação destes com a escalada da aceleração.

3 AMANTE DO ÂMBAR⁸: A ESCALADA DA ACELERAÇÃO

A Organização das Nações Unidas, em 2009, comemorou os 400 anos dos primeiros descobrimentos anunciados por Galileu. As celebrações receberam o nome de o Ano Internacional da Astronomia. De acordo com Renato Las Casas⁹, ao implantar melhorias aos métodos que já existiam na época, Galileu confirmou a Teoria Heliocêntrica¹⁰ e proporcionou as primeiras descrições da Lua, e também dos planetas Júpiter, Saturno e Vênus. Em 1609, além de possibilitar o alargamento dos conhecimentos sobre a Astronomia, o físico italiano revolucionou o telescópio: partindo de uma capacidade inicial de aumento de três vezes, ele passa para oito, e posteriormente alcança uma potência de aumento de vinte vezes!

Segundo Aguilar (2016a), discutirmos sobre a aproximação de pontos que se encontram distantes pode parecer algo assertivo nestes últimos anos, afinal, estamos vivendo décadas marcadas por uma sequência de novos lançamentos no campo das tecnologias ligadas às interações humanas. Mas, a despeito desse pensamento contemporâneo, essa pesquisa propõe reflexões que envolvem um retorno no tempo, apresentando que o desafio e o fascínio da humanidade no encurtamento das distâncias remetem a um passado distante de um século que une pontos distantes através de fibras ópticas¹¹.

Seguindo nesta direção, discutiremos a respeito de algumas das principais contribuições de tecnologias específicas dos últimos anos do século XIX, do século XX e também do XXI, que proporcionaram alterações na compreensão e a percepção do espaço e do tempo. Para alcançarmos este objetivo, apresentamos a importância destas tecnologias na coordenação dos ritmos das sociedades, influenciando e regulando a produção e o consumo, tornado observável e concreto através das práticas sociais.

O fascínio pela técnica se espelha de maneira ideal nas exposições universais. Elas atraíam uma multidão de visitantes e funcionavam como vitrines inquestionáveis do progresso material (aí podiam ser apreciadas as novas

⁸ Termo utilizado nas primeiras experiências com a eletricidade.

⁹ Professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. O texto completo poderá ser encontrado no endereço: <<http://www.observatorio.ufmg.br/Pas88.htm>>.

¹⁰ Teoria que está em oposição ao geocentrismo. Propõe o Sol como o centro do universo.

¹¹ Filamento feito de vidro ou de um polímero. As fibras ópticas têm alta capacidade de transmitir os raios de luz.

invenções que iriam transformar o dia a dia das pessoas: geladeira, máquina de escrever, telégrafo, fonógrafo, cinema) (ORTIZ, 2015, p.67).

As expansões marítimas desencadearam o início desse fenômeno do encurtamento das distâncias? Precisamos dar uma resposta negativa a esta pergunta. Há registros de outras práticas, como o clássico método de divulgação das informações nas cidades gregas, os pombos-correio e a utilização de animais como força motriz e meio de transporte de pessoas e de mercadorias. Todas recebem o mérito na tentativa de cobrir grandes distâncias em um menor espaço de tempo possível. Mas, por que resgatarmos registros destas conquistas em um passado tão remoto? A razão para isto é simples: a História nos permite ter acesso a algumas informações no mínimo pertinentes sobre a relação destas iniciativas com algumas reflexões discutidas até aqui.

Iniciemos, então, com a motivação do homem para lançar-se ao mar em busca de encontrar uma alternativa para alcançar um determinado destino. Havia um caminho já conhecido e bastante utilizado nas viagens marítimas, porém, a cobrança de taxas e tributos tornava este caminho muito oneroso. Surgem, assim, as caravelas. Estas se constituem em soluções a partir da necessidade dos países de percorrer longas distâncias e também são as respostas para as dificuldades políticas, econômicas e sociais vividas na época. De uma situação específica de reveses enfrentados por Portugal, a História registra a evolução destas conquistas sobre o espaço e o tempo que se espalham pelo velho continente. Cavalos, carruagens e caravelas: tempos que reduzem, distâncias mundiais que encurtam, novos caminhos, novas possibilidades, novos produtos, novos mercados.

1896. É importante voltarmos nossa atenção para os últimos anos do Século XIX. São anos que retratam a expansão do uso da eletricidade, quando o mundo começa a receber, de uma forma bem mais intensa, os efeitos do encurtamento das distâncias e da aceleração dos fluxos de temporalidade, embora não percebesse os seus efeitos na sociedade. Estamos conscientes das conquistas que as tecnologias contemporâneas oferecem aos homens, porém, a questão do “novo”, enquanto ideia integralmente original, nunca antes vivida, é digna de considerações mais profundas. É notória a revolução causada por estas tecnologias quanto à captação, manipulação, armazenamento, distribuição, assim como a influência exercida sobre as imagens fixas e em movimento, conforme esclarece Lev Manovich (2006). Porém, e de acordo com esse autor, o grande diferencial das tecnologias modernas é baseado principalmente na programabilidade e na valorização do indivíduo, suas ideologias e estilos

de vida: “*de este modo, la tecnologia de los nuevos medios actúa como la más perfecta realización de la utopia de uma sociedad ideal compuesta por individuos únicos*” (MANOVICH, 2006, p.16). Precisamos observar, quando analisamos a experiência do tempo, que esse fenômeno, por exemplo, já apresentava seus efeitos em 1833, através da Máquina analítica e suas fichas perfuradas de Charles Babbage, ou ainda em 1839, com o daguerreótipo. O mesmo raciocínio também se aplica às estradas de ferro. Observe a afirmação de McLuhan:

A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos (MCLUHAN, 2000, p.22).

A percepção diferenciada de tempo, que produz uma falsa associação da disjunção espaço-temporal como algo restrito aos dias atuais, recai sobre as mídias que necessitam de aparatos eletrônicos tanto para a sua produção quanto para a sua recepção. Estes dispositivos foram classificados como mídias terciárias por Harry Pross (1990). Estamos nos referindo aos *tablets, smartphones, notebooks* etc. Porém, não podemos considerar um grande avanço tecnológico um equipamento que superasse o limitado processo de comunicação que existia nos tempos feudais? As mídias primárias, baseadas na comunicação oral, e ainda segundo o aporte teórico fornecido por Pross (1990), cederam seu espaço quando a palavra impressa conheceu sua expansão. E o mundo presenciaria, mais uma vez, “novas” formas de experiência do tempo: a efemeridade da palavra oral é suplantada pela permanência no tempo e no espaço da palavra escrita. Os efeitos e as conquistas dessa superação das barreiras espaço-tempo se multiplicaram e atingiram feitos históricos:

Em trabalho anterior sobre a Revolução Francesa, De Tocqueville já havia explicado como a palavra impressa, atingindo sua saturação cultural no século XVIII, havia homogeneizado a nação francesa. Os franceses se tornaram a mesma espécie de gente, do norte ao sul. Os princípios tipográficos da uniformidade, da continuidade e da linearidade se haviam superposto às complexidades da antiga sociedade feudal e oral. A revolução foi empreendida pelos novos literatos e bacharéis (MCLUHAN, 2000, p.29).

Associações com teorias behavioristas e as primeiras pesquisas norte-americanas na área da comunicação totalmente a parte, o que gostaríamos de destacar é o universo de possibilidades conquistado pelo avanço das tecnologias: os 640.679 km² da França nunca

mais seriam vistos da mesma maneira. E a experiência do tempo para aquela nação, em pleno século XVIII, recebe o status de “novo”.

O século XIX foi um período de grandes alterações na sociedade. Com o surgimento do motor a vapor, que foi aperfeiçoado por James Watt ainda no final do século anterior, a vida nas cidades incorporou características diferenciadas. Isto foi favorecido pelo considerável aumento na quantidade de pessoas que partiam do campo e iam em direção aos centros urbanos.

O tempo-trabalho industrial estende seus efeitos sobre a urbe e a experiência de tempo cíclico cede espaço para o tempo das horas de trabalho nas fábricas, para o pequeno tempo de descanso diário e para os dias da semana (AGUILAR, 2016a, pp.5-6).

As alterações na escalada da aceleração nesse século não se resumem apenas na modificação da concepção de tempo proporcionado pelo êxodo rural. Nessa época, nos deparamos com uma revolução na história das telecomunicações: o surgimento do telégrafo. E a escalada continua no Século XX, através do surgimento e expansão de outras tecnologias, conforme veremos a seguir.

3.1 O telégrafo

O ano é o de 1792: ano I da proclamação da República Francesa. O inventor Claud Chappe toma posição e inicia seu discurso sobre as possibilidades criadas pelo telégrafo óptico na Assembleia Legislativa:

O estabelecimento do telégrafo é a melhor resposta aos publicistas que pensam que a França é grande demais para se constituir numa república. O telégrafo reduz as distâncias e reúne, de certa forma, uma imensa população em um único ponto (*Le moniteur universel*, anos 1794-1975 apud VIRILIO, 1996, p.42).

A invenção do telégrafo constituiu-se no primeiro registro do fim da relação diretamente proporcional que existia entre o tempo e o espaço. A razão disto era devido a um sistema de funcionamento diferente das outras formas de comunicação até então conhecidas, que exigiam pequenas distâncias físicas para que a comunicação fosse estabelecida ou, ainda,

da existência de um suporte físico que precisava ser transportado para alcançar o receptor da mensagem.

Com o advento e as melhorias proporcionadas pelo telégrafo, a compreensão sobre o alcance de pontos distantes sofreu um revolucionário encurtamento temporal. O pensamento vigente na época era de uma equação absoluta e diretamente proporcional. Em relação a esta inversão, Thompson esclarece que

o advento da telecomunicação trouxe uma disjunção entre o espaço e o tempo, no sentido de que o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal. Informação e conteúdo simbólico podiam ser transmitidos para distâncias cada vez maiores num tempo cada vez menor [...] (THOMPSON, 2009, p.36).

3.2 O motor a vapor, as ferrovias e os serviços postais

O advento do motor a vapor abriu caminho para o desenvolvimento das ferrovias, e estas inauguraram uma nova fase no relacionamento do homem com o espaço e com o tempo. Com a substituição do carvão como fonte de energia pelas máquinas a vapor, os transportes de cargas e de passageiros através de longas distâncias passou a demandar um tempo cada vez menor, trazendo uma perspectiva diferente sobre as ideias e, como consequência, sobre o mundo. Mas, precisamos também destacar que, além dos transportes de mercadorias e pessoas, os serviços de correspondências no final do século XVIII foram igualmente beneficiados e alterados:

A rapidez do correio precedera na Grã-Bretanha a utilização em 1840 do primeiro adesivo mundial, um selo perfurado – um atraente objeto de arte trazendo impressa a cabeça da jovem rainha Vitória e que logo se tornaria objeto de “coleccionador”. O selo postal adesivo foi uma invenção importante do século XIX [...]. No entanto, o selo era pré-pago, como a taxa postal barata e uniforme para todo o país, independente do destino (BRIGGS, 2006, p.134).

A construção das ferrovias na Inglaterra desencadeou alterações tão profundas na época que levou a sociedade a reelaborar o padrão das horas oficiais, pois cada cidade possuía seu sistema de horário específico. A compreensão dos horários de partidas e chegadas dos trens era uma tarefa complexa dentro de um mesmo país. A partir deste avanço na área dos transportes, surgiu a necessidade de criação de um horário nacional que substituísse o padrão

tradicional e local de cada cidade. Em resposta a esta questão, o sistema global de padronização do tempo foi criado em 1884, em Washington D. C., na Conferência Internacional do Meridiano.

Com mais força e velocidade, as máquinas foram substituindo os cavalos, proporcionando o aumento do número de vagões e da quantidade de carga transportada pelas composições. A partir dessa época foram ocorrendo diversas melhorias técnicas nos trilhos e nas locomotivas. As ferrovias estabeleceram uma perspectiva diferente sobre a ideia de transporte de cargas mais pesadas e por longas distâncias (SILVA, Júlio. In: Breve história das ferrovias. Disponível em: <[http://www. brasile scola. com/geografia/ ferrovias .htm](http://www.brasile scola. com/geografia/ ferrovias .htm)>).

“Uma imprensa assombrada pela aceleração”: com esta metáfora Virilio (1996, p.45) descreve o cenário do século XIX. Os telégrafos elétricos e ópticos, que antes eram utilizados apenas para fins políticos e militares, passam a ser utilizados para fins comerciais e pessoais. Livrarias surgem, revolucionando o ambiente nas estações ferroviárias. “O amálgama se efetua visando um público urbano sempre mais apressado e numeroso” (VIRILIO, 1996, p.45). É, no mínimo, instigante trazermos expressões como “sempre mais apressado” ao relatarmos situações que descrevem meados de 1850. É realmente espetacular (sem nenhuma aproximação com a definição semântica do termo, mas sim, com a profundidade do conceito elaborado por Debord em 1967). Afinal, estamos tratando aqui da participação de tecnologias que proporcionaram uma nova percepção espaço-temporal, uma nova maneira de perceber o tempo, e, conseqüentemente a pressa, desvinculando-a como elemento presente apenas nas imagens tão comuns dos dias de hoje.

3.3 O rádio

De acordo com Briggs (2006), a demonstração das ondas hertzianas e a sua aplicação ao que atualmente chamamos de rádio, foram apresentadas para o mundo em 1895, por Oliver Lodge. O inventor, que nascera em 1851, não teve a capacidade de perceber a abrangência da sua conquista, até mesmo porque suas primeiras utilizações ocorreram em campos militares.

Quando as portas das residências foram abertas para esta invenção, inicialmente nos Estados Unidos, seguido pela Grã-Bretanha e depois pela Holanda, os potenciais econômicos, políticos e sociais do rádio ficaram claros para o mundo. Não era para menos. Imaginem, em

pleno ano de 1901, enviar uma mensagem através de uma transmissão sem fio por 3.200km, partindo da Terra Nova, no Canadá, atravessar todo o Oceano Atlântico e alcançar a Cornualha, um condado a sudoeste de uma península na Inglaterra?¹² Ou ainda, registrar um crescimento do número de aparelhos, que em 1922 era de cem mil, passar para mais de meio milhão no ano seguinte? Em meados de 1925, existiam cerca de 5,5 milhões de aparelhos de rádio nos Estados Unidos. Esse número equivalia, na época, à metade do total que existia no mundo. Em se tratando de um país com dimensões continentais, com 9,37 milhões de km² e ocupando a quarta posição no *ranking* mundial de maiores países do mundo, este número revela uma considerável conquista do homem sobre o espaço.

Os modos de vida das comunidades humanas transformaram-se intensa e aceleradamente: o rádio “invadiu” os domicílios, o dia a dia, os sonhos, as agendas, os hábitos, os costumes, os imaginários da maioria das populações latino-americanas (MALDONADO, 2006, p.287).

As novas formas de perceber o encurtamento das distâncias, que tiveram um grande avanço com os transportes e a expansão do uso do telégrafo, começam a participar de uma forma mais intensa na rotina do homem nos primeiros anos do século XX através do rádio. “Em busca da felicidade¹³”, uma radionovela transmitida através das ondas da Rádio Nacional em 1941, é uma boa ilustração para esta afirmação.

Ainda no Brasil, mas agora em 1950, outra grande conquista na evolução da percepção do espaço-tempo assume forma, através de um visionário chamado Assis Chateaubriand, conforme apresentamos adiante.

3.4 A televisão

No século XIX, especificamente em 1893, a revista científica *Lightning* já apresentava ao mundo o potencial e as possíveis alterações que as câmeras poderiam trazer nas concepções do tempo e do espaço na rotina das sociedades, ao escrever que “antes que o próximo século expire, os netos da geração atual se verão uns aos outros através do Atlântico,

¹² Este feito foi realizado por Marconi, então proprietário da *Wireless Telegraph and Signal Company*.

¹³ “Em busca da felicidade” foi uma radionovela campeã de audiência transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1941.

e os grandes eventos mundiais, ao passarem diante da câmera, serão realizados no mesmo instante perante a humanidade” (BRIGGS, 2006, p.176).

A previsão do cientista que fez esta afirmação não se concretizou completamente no século seguinte, mas também não precisou de muitos anos para alcançar este feito. Em 1950, segundo Ribeiro (2012), os Estados Unidos já possuíam 12 milhões de aparelhos e contavam com 100 emissoras em seu vasto território. No Brasil, neste mesmo ano, um paraibano¹⁴ deixa sua marca na história através de cinco aparelhos de televisão instalados no saguão dos Diários Associados em São Paulo. O advento da televisão no Brasil, embora tenha seu início marcado por números reduzidos, não comprometeu a expansão da escalada da aceleração e seus efeitos no país.

Em nosso país, o rádio, e depois, a televisão atribuíram novas feições ao cotidiano dos brasileiros. Seu dia-a-dia começava a ser mediado por este sistema técnico de produção e transmissão simbólica. Maneiras de sentir, pensar ou existir começavam a ser difundidas mediante imagens e sons, sendo recebidas em vários contextos (RIBEIRO, 2012, p.15).

A utilização do vapor e da eletricidade mereceu registro neste trabalho pela contribuição que deram à escalada da aceleração. Mas, não podemos negligenciar a posição de destaque da televisão. Através desta tecnologia, saímos de um cenário dominado pelos jornais impressos, livros e revistas, e somamos forças com o cinema, fortalecendo a utilização e o início de uma revolução – a das imagens em movimento.

Em uma sociedade com uma demanda por comunicações cada vez mais rápidas, as respostas oferecidas pela televisão atenderam prontamente as exigências, necessidades e desejos de unir pontos que se encontravam distantes: “estamos diminuindo as distâncias e aproximando brasileiros de brasileiros”¹⁵ (Veja nº 70, 1970, p.13, grifo nosso).

Esta nossa discussão apresentando os avanços tecnológicos prossegue. Mas mantendo a televisão em posição privilegiada no registro desta história, até mesmo pelo efeito catalisador que ela teve na etapa seguinte da escalada da aceleração. Porém, para prosseguirmos, devemos sair por alguns instantes do plano horizontal e começarmos a

¹⁴ Trata-se de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou, simplesmente, Chatô. Foi o responsável pelas primeiras transmissões da televisão brasileira.

¹⁵ Peça publicitária da Siemens do Brasil S/A, publicada na Veja, edição de nº 70, de 07 de janeiro de 1970.

vislumbrar o encurtamento de distâncias que são possibilitadas através do conceito de um não-plano, ou ainda, de múltiplos planos: as transmissões via satélite.

3.5 As transmissões via satélite

Quatro de outubro de 1957. O mundo, que já conhecia rotas terrestres e marítimas, alarga suas fronteiras, ou as elimina. Este é o dia do início de uma corrida de grandes contribuições relacionadas à escalada da aceleração: a espacial.

A data registra o lançamento do satélite Sputnik I pela União Soviética, o primeiro satélite artificial colocado em órbita. De tecnologia simples, o equipamento emitia um sinal que podia ser captado por rádios amadores em qualquer parte do planeta. Cinco anos depois, a NASA¹⁶, agência espacial norte americana, lança o Telstar, um satélite com mais de 2.500 transistores e uma capacidade de dar uma volta inteira ao redor do planeta Terra em menos de três horas: distâncias que encurtam, velocidades potencializadas. Como se não bastasse esse feito, o Telstar foi o primeiro satélite a realizar uma transmissão de televisão ao vivo, ligando a França com os Estados Unidos, inaugurando a era da comunicação global.

“Nunca fora possível, na história dos satélites, ignorar as possibilidades” (BRIGGS, 2006, p.286). Em 1964, essas possibilidades tornam possível a eliminação das distâncias entre os países do mundo que assistem, através de um aparelho de televisão, as Olimpíadas de Tóquio. E em 1966, seis satélites transatlânticos transmitem a Copa do Mundo, que se realizava na Inglaterra.

3.6 A Internet

Na década de 90, a *World Wide Web*¹⁷ e a Internet revolucionaram a comunicação global. Nunca antes na história da humanidade, palavras como acessibilidade, mobilidade,

¹⁶ A sigla “NASA” significa *National Aeronautics and Space Administration*, ou, em português, Administração Nacional do Espaço e da Aeronáutica.

¹⁷ *World Wide Web*, *www* ou, simplesmente, *web*, é uma rede mundial de arquivos em hipermídia que estão interligados e que utilizam a Internet para sua execução.

instantaneidade, imediatismo e velocidade estiveram tão presentes e se tornaram tão imprescindíveis na rotina do homem, quer seja este habitante de um centro urbano, ou de um contexto rural. Mover-se! Este é o imperativo. *On line*, claro.

“Em um período de aceleração da tecnologia de comunicação, a internet desafiou previsões e trouxe consigo muitas surpresas” (BRIGGS, 2006, p. 300). Essa capacidade de superar o que anteriormente era identificado como possível e realizável já estava presente na forma como a rede foi arquitetada em 1989 por seu idealizador, o inglês Tim Berners-Lee: “suponha que eu tenha a possibilidade de programar meu computador para criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo” (BRIGGS, 2006, p. 302). Espaços que ligam tudo a todos – o que Berners-Lee criara, na verdade, foi um não-espaço, uma sala sem paredes, um novo conceito para “área de trabalho”, onde fronteiras e quilômetros de distância deixam de existir e a conexão de pontos que antes se encontravam distantes, tornam-se acessíveis com o apertar de apenas um botão. Foi o que aconteceu em 1996, quando todas as salas de aula de um país com 9.834.000 km² passaram a se comunicar umas com as outras, em tempo real, através do ciberespaço¹⁸.

Justamente isso nos autoriza e obriga a denominar a sociedade emergente como utopia. Ela não estará em lugar nenhum nem em nenhum tempo, somente em áreas imaginárias; naquelas áreas em que cuja história e geografia se entrelaçam (FLUSSER, 2008, p.9).

Estar em nenhum lugar e em nenhum tempo. Aguilar (2015) argumenta que nos dias de hoje, a percepção do tempo está associada à velocidade, a uma disjunção com o espaço e, como consequência disso, com o sentimento da conquista humana sobre estes fatores. As peças publicitárias reforçam estes conceitos: “6GB de internet: você podendo mais e pagando menos¹⁹”, ou ainda, “navegue muito mais com 4G da Vivo²⁰”.

Mais. Falar e navegar mais: explorar as rotas terrestres, marítimas e espaciais. A ausência de fronteiras é reforçada através das telas generosas de aparelhos de televisão de *led*, de *smartphones* e *notebooks*. Estar conectado, ter a possibilidade de emitir e receber mensagens são imperativos durante todas as horas do dia. Afinal, o tempo, e agora também o

¹⁸ Este fato ocorreu durante o mandato de Bill Clinton e o seu vice, Al Gore, nos Estados Unidos.

¹⁹ Site da empresa TIM. Disponível em: < <http://www.tim.com.br/al/para-voce>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

²⁰ Site da empresa de telefonia Vivo. Disponível em:<<http://www.vivo.com.br/portalweb/appmanager/env/web/#>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

mundo, não param. As informações são renovadas continuamente, independentes de qual parte do globo elas tenham sido geradas, a concorrência tem proporções mundiais e novas respostas são exigidas a cada minuto. Mais, sempre mais. E mais rápido. “A solução parece fácil para este mundo acelerado e surge através da voz da empresa Claro: ‘É você quem faz o agora’”²¹ (AGUILAR, 2015, p.5).

²¹ Slogan da empresa Claro. Disponível em: < <http://www.claro.com.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

4 I SHALL BE TOO LATE²²

No último ano da década de 1970, o poeta baiano Caetano Veloso lançava a música *Oração ao tempo*²³, um clássico da música popular brasileira. Na poesia que compõe a letra, ele chama nossa atenção ao conceituar o tempo como “tambor de todos os ritmos”. Desde o passado mais remoto, sua trilha sonora se fazia ouvir, marcando o ritmo das atividades do homem. No passado, ele possuía uma cadência lenta, ao contrário de hoje, e seguia uma imensa partitura composta pelo céu, pelas estrelas e pelo movimento dos planetas. Era ouvido, acompanhado e manifestado através das práticas sociais das culturas antigas.

Nas formas primitivas da sociedade, quando a maioria dos indivíduos vivia em dependência da terra de onde tiravam a própria subsistência, a experiência do fluxo do tempo estava estreitamente ligada aos ritmos materiais das estações e ao ciclo do nascimento e da morte (THOMPSON, 2009, p.40).

O fato de iniciarmos resgatando uma prática de observação do tempo que exclui as unidades de medida tão comumente usadas nos dias atuais é pertinente neste momento. A invenção do relógio mecânico é uma conquista do século XIII e sua função inicial nas cortes e nos burgos extrapolava a noção de ser uma tecnologia específica voltada para a observação das horas. A evolução da história da humanidade evidencia ritmos, em alguns dos seus momentos, em sintonia com outros referenciais:

Não é tanto a sua utilidade que conta: o relógio instalado nos espaços públicos, geralmente nas torres das igrejas e nas sedes dos municípios, conferia aos senhores das pequenas cidades notoriedade e prestígio [...]. O tempo da Idade Média era religioso e agrícola, e a divisão do trabalho, mesmo entre os comerciantes, não era ainda pautada pelo ritmo da contabilidade burguesa. Para a maioria das pessoas, o tempo de trabalho não era medido, ele *seguia os limites traçados pela tradição* (ORTIZ, 2015, p.69, grifo nosso).

Este é um período em que a inserção em uma determinada classe social já constituía o padrão de comportamento que deveria ser demonstrado pelas pessoas na comunidade. “Existia até mesmo um código indumentário segundo a origem social das pessoas; não havia necessidade, portanto, de coordenar o movimento de todos” (ORTIZ, 2015, p.70). A condução do ritmo residia na força de uma tradição. Essa força, porém, perdeu seu espaço no

²² Frase proferida pelo Coelho Branco, um dos personagens de *Alice's Adventures in Wonderland*, de Lewis Carroll (2015). Em português: Eu devo estar atrasado demais. Tradução nossa.

²³ Música do álbum “Cinema Transcendental”, lançado em 1979, com o selo da Polygram.

cenário seguinte da nossa história. De um mundo representado por reis, padres, comerciantes, artesãos e camponeses, seguimos para um mundo orquestrado pelo som contínuo das fábricas da era industrial, seguido pelo ritmo acelerado quando da expansão do capitalismo.

Estamos discutindo a respeito de um tempo que não conhece limites geográficos, sociais ou políticos. Os seus efeitos, porém, são padronizados e perseguidos, devido a um conceito de “globalização”. Não fossem os fusos horários, ele teria um valor único. Mas, não podemos deixar de observar que, apesar da diversidade da sua apresentação em “AM” e “PM”²⁴ ou em 24 recortes específicos, ou seja, as horas que constituem um dia, cada unidade tem a mesma carga de determinação e influência, ou seja, o mesmo poder de manter sob a sua batuta o ritmo das sociedades onde quer que estejam, sob um selo de país desenvolvido ou não: “com o desenvolvimento do capitalismo, o tempo irreversível é unificado mundialmente. A história universal toma-se uma realidade, por que o mundo inteiro está reunido sob o desenvolvimento deste tempo” (DEBORD, 1997, p.101).

A nossa discussão se direciona, então, não mais para os movimentos de um ponteiro, mas para o poder que é atribuído a cada unidade, do que definitivamente pode ser conquistado ou produzido. O relógio, assim, constitui-se apenas sua linguagem simbólica.

O poder é entendido aqui como o controle que o tempo exerce sobre a sociedade, na forma como os indivíduos o percebem, na sua capacidade de influenciar o ritmo e alteração de práticas sociais. Até mesmo porque o poder só pode ser estabelecido, e assim exercer alguma influência, se estiver em relação com um outro fenômeno. E em se tratando do poder do tempo e os seus ritmos, entendemos estes outros fenômenos como a forma que as sociedades têm reagido e percebido a passagem das horas. Estas sociedades possuem força dentro do contexto social e econômico que atuam, porém, apesar de presenciarmos tentativas de resistência, como o Movimento *Slow Food*²⁵, suas iniciativas têm proporções menores, uma vez comparadas às forças das massas submetidas à governabilidade desse poder mais dominante. Vem de Guy Debord a afirmação de que

O poder que se constitui acima da penúria da sociedade do tempo cíclico [aquele que dependia diretamente dos movimentos do planeta Terra], a classe que organiza esse trabalho social e se apropria da limitada mais-valia deste

²⁴ Siglas em latim que significam “*Ante Meridiem*” (antes do meio-dia) e “*Post Meridiem*” (após o meio-dia).

²⁵ Movimento criado em 1986. Sua filosofia principal é despertar as pessoas para a relação que existe entre o tempo e a qualidade de vida.

trabalho, apropria-se também da mais-valia temporal de sua organização do tempo social: ela possui só para si o tempo irreversível do ser vivo (DEBORD, 1997, p.89).

Não é um dos objetivos desta dissertação a discussão de tópicos diretamente relacionados com o capitalismo. Porém, acreditamos ser esta uma aproximação necessária neste momento, por desejarmos tratar, mesmo que em nível inicial neste trabalho, a respeito da existência da pressa, o que não exclui uma reflexão ideológica.

As questões sobre ideologias e poder estão presentes quando consideradas a evolução das tecnologias utilizadas pelos meios de comunicação e a consequente associação destas com os efeitos do encurtamento das distâncias e do tempo acelerado. Isto porque há uma linguagem que atua como amálgama entre as instâncias da comunicação, ideologia e poder: “para que uma ideologia se difunda e se reforce, as pessoas têm que se comunicar” (VERÓN, 1967, p. 203).

E qual seria esta linguagem capaz de unir categorias tão distintas e proporcionar seu funcionamento, mantendo suas engrenagens em um movimento capaz de suprir as exigências de todas as partes que a constituem? A resposta é simples e, no século do surgimento e expansão das mídias sociais, preenchem telas gigantes e em todos os lugares: as palavras e as imagens em movimento. A facilidade de um usuário para a produção, transmissão e recepção, aliadas à velocidade, mobilidade e acesso, equipa este momento histórico com características até então desconhecidas em um passado não muito distante, interferindo, influenciando e ressignificando o conceito do tempo para a humanidade.

O tempo do consumo das imagens, meio de ligação de todas as mercadorias, é o campo inseparável em que se exercem plenamente os instrumentos do espetáculo²⁶, e o objetivo que estes apresentam globalmente, como lugar e como figura central de todos os consumos particulares: sabe-se que os ganhos de tempo constantemente procurados pela sociedade moderna – seja nos transportes rápidos, seja no uso da sopa em pó – traduzem-se de modo positivo para a população dos Estados Unidos no fato de ela poder assistir à televisão, em média, de três a seis horas por dia (DEBORD, 1997, pp.105-106).

Poder, comunicação, tecnologias e disjunção espaço temporal. A história da relação entre estas quatro categorias é antiga. De uma distância percorrida no lombo de um cavalo ou

²⁶ Para um aprofundamento do conceito de “espetáculo” utilizado aqui por Guy Debord, recomenda-se a leitura do seu livro “A sociedade do espetáculo”, publicado em 1997 pela Editora Contraponto.

em uma viagem de Tóquio a Osaka a bordo de um trem-bala, o tempo estará presente e será um dos principais fatores a ser levados em consideração. Sua duração definirá parâmetros que determinarão o sucesso ou o fracasso, a permanência desta prática ao longo da História e, conseqüentemente, a existência de investimentos para a sua evolução ou ostracismo e posterior entrada no campo do nostálgico.

4.1 Mover-se: desejo de ontem e de hoje

Do ritmo de cavalos, literalmente, ao ritmo de cavalos de potência. O avanço das tecnologias, proporcionando diminuições espaciais consideráveis, imprime uma nova cadência no ritmo das sociedades. George Eliot, através de um personagem do seu livro *The mill on the Floss*, publicado em 1860, afirma: “o mundo marcha em um ritmo mais acelerado do que quando eu era jovem. ...É esse vapor que você vê” (ELIOT, 1826 apud BRIGGS, 2006, p.112).

O vapor, embora já estivesse sendo utilizado desde períodos bem mais remotos, imprime nos séculos XVIII e XIX uma nova dimensão de velocidade nos meios de transporte, nas indústrias e, por sua vez, na rotina dos indivíduos. O imperativo ganha força em várias dimensões: mova-se!

Avante! Vapor ou Gás, ou Carruagem
 Mantenha a Cabine, pequena gaiola dirigível –
 Passeio, Jornada, Viagem, Ócio, Corrida, Caminho,
 Planar, Projetar, Excursionar, Papear na Viagem –
 Mover-se, você deve! Esse é o desejo de hoje,
 Lei e moda atual (COLERIDGE, 1826 apud BRIGGS, 2006, p.112).

Essa “lei” que é concretizada como “desejo de hoje” foi anunciada por Samuel Taylor Coleridge em 1826 (!) e reflete uma sociedade mais veloz do que a antecederia, quando a batuta que marcava o ritmo do tempo ainda estava sob o comando do carvão.

Do Velho Continente para as Américas, mais precisamente em Nova Iorque, nos deparamos com uma afirmação de um livro chamado “A Ciência da Propaganda” (HOPKINS, 1966). Em suas páginas, o autor apresenta e explica técnicas de um mundo após a Primeira

Guerra Mundial, e que começava a entender a força das Ciências da Comunicação, sob a perspectiva da Publicidade e da Propaganda.

As pessoas estão sempre com pressa. A pessoa comum, a quem vale a pena cultivar, tem muito o que ler. Passa por cima de três quartos do material de leitura que paga para obter. Não irá ler a sua conversa comercial a menos que você faça com que valha a pena ler (HOPKINS, 1966, p.45, grifo nosso).

Para entendermos a importância e a força do “sempre” de Hopkins, precisamos ressaltar que ele foi escrito em 1923 na cidade de Nova Iorque. Um mundo com pressa em plena era do predomínio das mídias impressas, além do rádio e do cinema.

No Brasil, em 1930, a revista “O Malho”²⁷ também exibia sinais da força do ritmo do tempo. Na edição de número 83, de janeiro de 1935, uma peça publicitária conceitua o tempo como “terrível devorador de tudo” (O Malho, nº83, p.3). A intolerância ao não-movimento surge na edição de número 108: “Faça o favor de esperar!” (O Malho, nº 108, 1935. pp.33-34). Com essa frase, inicia-se uma crônica que apresentava várias situações de sofrimento de um “burguês barrigudo e de cara lustrosa” diante da ordem e da necessidade de esperar.

Esperar. Este verbo não apresenta sintonia com a exigência da instantaneidade e do imediatismo, fatores predominantes nas tecnologias. De acordo com Bertman (1998, p.15), essa velocidade conquistada pelas tecnologias utilizadas em uma escala global e que vem atravessando séculos, é “de tal modo elevada que altera a nossa relação com o tempo”, levando-nos a refletir sobre a existência de uma força que alimenta desejos de estar sempre mais adiante no tempo e do espaço: a pressa.

4.2 A pressa

Refletir sobre a pressa é estabelecer um diálogo sobre a nossa relação com o tempo. Sendo o relógio uma expressão simbólica, é descobrir o significado atribuído a cada unidade de sessenta minutos que compõem os dias nas sociedades. Os argumentos apresentados até aqui, evidenciam que as respostas extrapolam a simplicidade e a cadência uniforme dos tics dos relógios.

²⁷ A revista “O Malho” iniciou suas atividades no Rio de Janeiro, em 1902.

Em junho de 2008, a revista *Época* lança uma edição especial sobre tecnologias. Na capa, encontramos a seguinte chamada “Como o *iPhone* e os novos celulares vão transformar o nosso dia-a-dia” (*Época* n° 528, 2008). O título apresenta sintonia com a contemporaneidade. Porém, o tempo verbal empregado merece uma ressalva: “vão transformar”, uma ação no futuro, perde sentido em uma sociedade que privilegia o agora, o curto prazo, a ênfase no presente, o fascínio da velocidade presente nas tecnologias.

Quando seguimos a uma velocidade perversora, caímos sob a influência de uma nova força, a força do agora, A força do agora é a energia intensa do presente incondicional, um presente descomprometido com qualquer outra dimensão do tempo. Sob o efeito dessa força exaustiva, as prioridades da nossa vida sofrem uma transformação, num ato desesperado de adaptação à velocidade eletrônica. A nossa vida deixa de ser o que era, não propriamente pelo fato de a vida ter mudado, mas pelo fato de ter mudado *o modo como a vemos* (BERTMAN, 1998, p.15, grifo do autor).

Stephen Bertman, debruçado sobre este assunto, cunhou a expressão “hipercultura” evidenciando as características dos comportamentos das sociedades dominadas por um ritmo acelerado, incansável e insaciável. Em seu livro “Hiper cultura: o preço da pressa” (1998), o autor nos apresenta o seguinte conceito:

A hipercultura é uma cultura que facilmente se torna maçadora e que rapidamente aturde as pessoas, uma cultura em que o divertimento se transforma e deixa de ser um momento ocasional de distração de pessoas ou de grupos e passa a ser uma forma de vida, que ocupa todos os interstícios entre os períodos de trabalho. Esgotando rapidamente as reservas de energia, uma hipercultura exige constantemente ser abastecida. Recusando-se a adquirir horizontes, por ser uma atividade intensa em termos de tempo, ela anseia antes por ser injetada com doses de estímulo a curto prazo. Por que a hipercultura é uma sociedade constituída de “corpos atarefados”, numa ânsia frenética de acompanharem o passo, não só por razões de necessidade econômica, mas por motivo de preferência psicológica. O tempo – desorganizado, desperdiçado – pesa fortemente sobre a sua cabeça. Ela pode exigir ser libertada de algumas tarefas específicas, mas preenche logo o vazio com mais atividade ainda (BERTMAN, 1998, p.181).

Desejo ardente ou intenso de acompanhar o passo do “tambor de todos os ritmos”. Essa citação retrata os últimos anos do Século XX. Esse período foi marcado pela expansão da internet, mas que ainda não havia experimentado o surgimento e a larga utilização dos canais a cabo e, tampouco, as transmissões em tempo real. Mas, já era um século que conhecia os benefícios de uma rede mundial de computadores interligados. Já conhecia a capacidade desta no fortalecimento de ideologias expressas através de tecnologias com

velocidades cada vez maiores, distâncias cada vez menores e valores que se espalhavam através de cabos que cobriam o planeta com um falso manto de desejos, expectativas e necessidades mundiais comuns.

Acelerada pelo crescimento da tecnologia eletrônica, a velocidade da sociedade aumenta cada vez mais depressa. À medida que os seus instrumentos se aproximam cada vez mais da velocidade da luz, a própria sociedade é arrastada para a alta velocidade da luz, como se obedecesse a nível social àquele princípio da dinâmica dos fluidos conhecido por Lei de Bernoulli (BERTMAN, 1998, pp.178-179).

Flusser (2008, p.81) fala em cobiça por sensações. Ortiz (2015, p.71), por sua vez, aborda essa velocidade nas sociedades que aumenta progressivamente na tentativa de acompanhar o ritmo das tecnologias, como exigência social e valor. Chesneaux (1989) é enfático e responde a essas perguntas apresentando a instantaneidade como uma marca da modernidade:

O tempo da modernidade²⁸ se contrai no imediato, impõe à nossa vida cotidiana as formas diversas do instante. O *fastfood* é preparado tão rápido quanto é consumido, desprezando a arte tradicional dos cozidos gradualmente na duração, a diferente maturação dos gostos e dos sabores, a combinação dos ingredientes que precisam de tempo para se harmonizar progressivamente. Os relógios “digitais” não são capazes de indicar o tempo como duração, mas somente o instante pontual, por isso efêmero, enquanto que o movimento dos ponteiros sobre um mostrador tradicional inscrevia o tempo no espaço e tornava perceptível sua progressão; cada momento se definia pela relação com o anterior e o posterior, um passado e um futuro (CHESNEAUX, 1989, p.23).

É fato, conforme demonstramos anteriormente, esta busca pelo imediatismo, por uma intolerância à espera, ao que demora para ser visualizado ou enviado. Há todo um universo de signos comunicando constantemente a mesma mensagem, comunicando de forma verbal ou meta-verbal a imagem de uma sociedade que precisa mover-se com velocidade. Verón (1967), afirma que

Assim como nas relações interpessoais, a metacomunicação transmite a “imagem” que o emissor possui da própria relação e de suas características, assim também as mensagens sociais de massa metacomunicam uma imagem da sociedade, uma certa maneira de fragmentar a realidade social para falar dela (VERÓN, 1967, p.180).

²⁸ O autor se refere ao tempo como duração, muito próximo do conceito adotado no desenvolvimento deste trabalho.

A nossa atenção é atraída, então, para um novo patamar em nossa discussão, ou seja, as pessoas. Dito em outras palavras, nos direcionaremos para a busca de “perspectivas diversas da experiência e na vida cotidiana” (MALDONADO, 2006, p.284): o conhecimento empírico. Este será o nosso objetivo nos próximos dois capítulos que seguem.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA EMPÍRICA

“O tema é por demais complexo” (LOPES, 2004, p.15), afirma Maria Immacolata em um artigo sobre as questões epistemológicas, teóricas e metodológicas da pesquisa em Comunicação Social. Complexo, porém fundamental no desenvolvimento de qualquer trabalho científico. Afinal, pensar em metodologia é se debruçar sobre um mapa que nos aponta vários caminhos para alcançar o objetivo proposto. Mais ainda, é refletir sobre qual caminho conduzirá, de uma forma mais assertiva, no aprofundamento do conhecimento sobre o objeto e na descoberta de novos horizontes acadêmicos. É uma etapa do trabalho que “é um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação” (LOPES, 2004, p.15).

Segundo Bonin (2008), podemos entender a metodologia

[...] como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na captura e fabricação pensada deste objeto (BONIN, 2008, p.121).

O motivo para dedicarmos este capítulo voltado para as questões metodológicas é porque acreditamos na importância de evidenciar os caminhos teóricos e epistemológicos percorridos, por enxergarmos um espaço que necessita ser explorado nos cursos de graduação e pós-graduação de Comunicação Social. Isso é muito mais do que uma procura por fórmulas prontas, ou de opções a serem escolhidas como se estivéssemos seguindo um passo-a-passo já descrito anteriormente e que funcionou bem em uma determinada experiência: “as operações e os procedimentos de investigação não são rituais repetitivos, mecânicos, simplesmente aplicativos de receitas gerais elaboradas por outros” (MALDONADO, 2006, p. 293).

Acreditamos no universo das novas possibilidades que a exploração metodológica pode proporcionar, na capacidade de ampliação dos resultados quando há uma utilização conjunta de saberes, nos novos cenários inaugurados quando trilhamos a trans e a interdisciplinaridade. Isto nos remete às características constitutivas dos objetos de pesquisa na Comunicação que são “multidimensionais e complexos, exigentes de formulações também complexas para apreendê-los, nas quais se faz necessária a confluência de saberes disciplinares, apropriados e repensados para responder aos objetos comunicacionais” (BONIN, 2008, p.122).

Sendo assim, o leitor encontrará neste capítulo um panorama das escolhas e decisões que estiveram presentes no planejamento desta pesquisa. Com a evolução do trabalho, algumas decisões foram substituídas por outras, por se adequarem melhor ao escopo e pela capacidade que apresentaram de apontar as melhores direções, ajudando a concretizar os objetivos colocados. É importante ressaltar que o resultado obtido por esta dissertação corresponde à soma de várias iniciativas e frentes de trabalho diferentes: as assertivas foram mantidas, as equivocadas – uma vez comprovado um melhor caminho a seguir – foram abandonadas. “Toda pesquisa é uma verdadeira aventura metodológica, onde há necessidade de exploração, de criatividade e de rigor” (LOPES, 2004, p. 30). Acreditamos que isto faz parte da construção da pesquisa e, infelizmente, em boa parte do que já foi construído até então em nossa área de estudo, isto é simplesmente omitido. Aprende-se também com os erros: eles são essenciais para o desenvolvimento do espírito crítico do pesquisador, além de atuar na possibilidade de abertura e de utilização de outras alternativas que não foram contempladas em um primeiro momento da investigação.

O que já foi pensado e registrado nas fileiras das pesquisas sobre o tempo acelerado e a pressa? “A construção de novos conhecimentos se faz em relação com este saber acumulado, por rupturas como vê Bachelard²⁹, mas também por continuidades” (BONIN, 2008, p.122). Desta forma, os capítulos dois, três e quatro deste trabalho dedicaram-se a responder essa pergunta e empreenderam um resgate das contribuições que já foram dadas por pesquisadores antes de nós sobre as categorias envolvidas nessa dissertação. É o que Bonin (2008) denomina de “pesquisa da pesquisa”. Seguindo esta metodologia, os resultados apresentados nestes capítulos representaram nosso esforço de estar em contato com este material e, a partir das contribuições apresentadas pelos pesquisadores citados, promover um movimento de aprofundamento das discussões, tornando-as mais densas, desenvolvendo a etapa seguinte e cooperando na continuidade das investigações.

A pesquisa da pesquisa torna-se, por conseguinte, uma prática relevante para tomar contato com esta produção [o que autora chama de “acervo” de contribuições concretas para o entendimento dos fenômenos comunicacionais], a fim de que as novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir* deles (BONIN, 2008, p.123, grifo da autora).

²⁹ A autora faz referência à obra “A epistemologia”, escrita por Bachelard em 1977.

Uma vez compreendido o estado atual das pesquisas desenvolvidas sobre o tempo, o espaço, a pressa e a relação dessas categorias com as tecnologias dentro do universo das pesquisas na Comunicação Social (e também nas áreas de interdisciplinaridade), passamos para a etapa seguinte, que foi desenvolvida concomitantemente com a primeira já citada: a pesquisa teórica.

Ao refletirmos sobre as teorias, nos apoiamos no conceito desenvolvido por Maldonado (2006), que reforça a importância dessa etapa na elaboração do trabalho. De acordo com o autor, as teorias são

[...] um conjunto de conhecimentos sobre a natureza e a sociedade que a humanidade acumulou ao longo da história. Procura explicar os fatos, processos e fenômenos relacionando-se adequadamente com a *experiência* e o *mundo real empírico* (MALDONADO, 2006, p.297, grifo do autor).

Muito nos interessou no conceito acima descrito a relação estabelecida entre o conhecimento acumulado e o que o autor chamou de “experiência” e “mundo real empírico”. A busca por balizadores teóricos não podem excluir o contexto multidimensional que os objetos de investigação estão inseridos. Em nosso caso, especificamente, Bonin (2008) chama nossa atenção sobre as exigências atuais nessa fase: “a contextualização é importante porque evita que a pesquisa se reduza a um exercício abstrato, sem vínculo com a realidade e com o mundo” (p.125).

A leitura da produção teórica desenvolvida a respeito da temática deste trabalho contribuiu para a construção de um esquema didático, que demonstra o quadro referencial envolvido na investigação, assim como para o encadeamento coerente e lógico no desenvolvimento dos temas abordados. Estamos trabalhando sobre um ponto de tensão entre o conhecimento teórico acumulado e as experiências da rotina do homem, no desenvolvimento das suas atividades, que constitui o que entendemos por práticas sociais. O contato com parte deste acervo tornou-se uma etapa importante para a visualização da estrutura geral da pesquisa, conforme demonstrado na Tabela 1. Este movimento aperfeiçoou o uso de tempo, uma vez que ajudou a manter o nosso foco nas categorias que foram estabelecidas, vencendo o impulso tão comum que ocorre de nos envolvermos com leituras que despertam a nossa atenção, pelo valor que possuem, mas que não agregam no escopo da pesquisa em andamento: “trabalhar em pesquisa teórica implica ir definindo a rede de conceitos que a problemática em

elaboração solicita; identificar autores e proposições férteis para laborar a construção e debruçar-se efetivamente num trabalho reflexivo sobre eles” (BONIN, 2008, p.124).

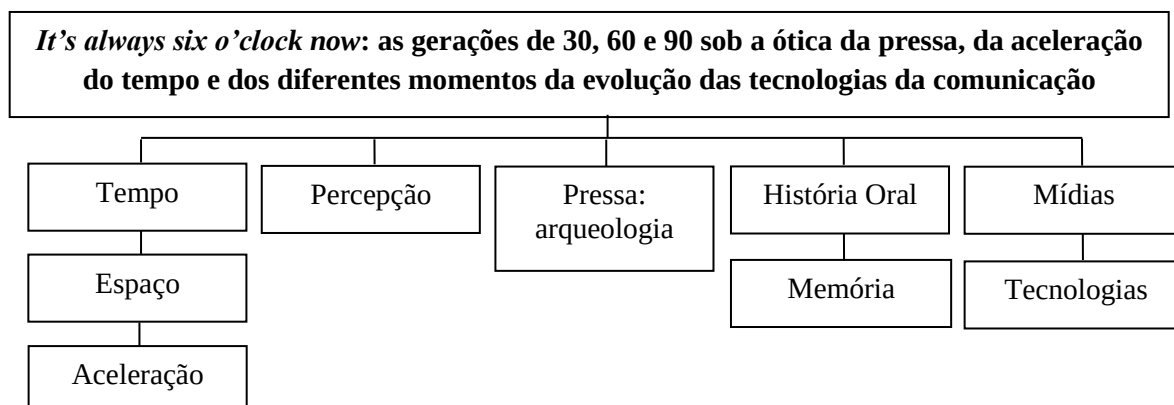


Tabela 1: Categorias envolvidas na pesquisa: encadeamento e relações.

É importante salientar que o esquema acima descrito representa o resultado de vários esboços que o antecederam. Na medida em que enveredamos pela pesquisa teórica, nos apropriamos mais dos temas abordados. Isto proporcionou uma “limpeza” dos assuntos que não deveriam estar no escopo do trabalho, ao mesmo tempo em que evidencia a associação com outros assuntos que deverão compor a narrativa e a sequência de como eles serão apresentados no texto. “O objeto não se deixa apreender facilmente” (LOPES, 2004, p. 26), e isto é uma lição que se aprende quando já estamos trilhando o caminho traçado e planejado em nosso mapa metodológico.

5.1 A História Oral

Outro ponto que precisamos refletir é a respeito da escolha pelo levantamento de uma documentação que ultrapassasse os domínios das técnicas de entrevistas tão difundidas na Comunicação Social, principalmente através dos cursos de Jornalismo. Perseguindo este objetivo, nos encontramos com a História Oral.

Nosso primeiro contato nessa área interdisciplinar ocorreu na condição de aluno especial na disciplina “Seminário de leitura: modelos de história cultural”, ministrada no mestrado em História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Autores como Peter Burke, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Georges Duby despertaram nosso interesse pela

História Cultural e pela Micro História. Porém, a consolidação da motivação para conhecer mais especificamente sobre esses assuntos ocorreu com a obra “A história escrita no chão”, de Luiz Sávio de Almeida. Benedito e Josefa³⁰, “qualificações que beiram ao eterno” (ALMEIDA, 1997, p.121), proporcionaram um momento de crescimento em nossa formação enquanto pesquisadores. Partimos, então, em busca desse conhecimento que transforma as perguntas de um roteiro com perguntas fechadas e rígidas em uma abordagem que desencadeia uma reflexão no que entendíamos até então por “personagens históricos”:

Estos sujetos marginales, que habrían sido relativamente ignorados en otros modos de la narración del pasado, plantean nuevas exigencias de método e inclinan a la escucha sistemática de los “discursos de memoria”: diarios, cartas, consejos, oraciones (SARLO, 2007, p.19).

Começamos por entender o que é História Oral. Ela também é conhecida por História Viva e busca reconstituir, através de fontes orais, fatos da vida individual ou aspectos de uma sociedade onde as pessoas estão inseridas. A discussão sobre as características da História Oral é fértil:

É desprezível discutir se história oral se compraz ou não em ser uma técnica, um método ou uma disciplina. Dado seu perfil multidisciplinar, sem constituir um objeto específico de pesquisa, mais vale pensar a história oral como a ela se referiu Louis Starr, um de seus fundadores: “mais do que uma ferramenta, e menos do que uma disciplina” (MEIHY, 1996, p.14).

Para entendermos melhor este conceito, recorreremos ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que nos ajuda nesta tarefa, ao conceituar a História Oral como

uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (Fonte: CPDOC. Disponível em: <[HTTP://codoc.fgv.br/acervo/historiaoral](http://codoc.fgv.br/acervo/historiaoral)>).

Existem, porém, discussões em torno da primazia do registro escrito, em detrimento da fonte oral. Mesmo em se tratando de um embate que julgamos ultrapassado, reforçamos a atenção dada a este tipo de documentação, verificada, principalmente, nas últimas décadas do século passado.

³⁰ Personagens do livro em questão.

[...] a partir da década de 1980, registram-se transformações importantes nos diferentes campos de pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares e, paralelamente, a história cultural ganhou novo impulso, ocorreu um renascimento do interesse pelo político e foram incorporados à história o estudo do contemporâneo e os debates em torno da memória (FERREIRA in: CARDOSO e VAINFAS, 2012, p.174).

Esta crítica ao fetichismo do documento escrito encontra, também, em Edward Hallett Carr (1982, p.18) uma citação adequada no contexto dessa discussão. O autor afirma que “nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar”.

Assim, e com esta discussão sobre a importância do registro escrito quando comparado ao oral devidamente superada, partimos em nossa jornada metodológica com este método que, aliado aos estudos sobre a memória, nos capacita a individualizar vozes e experiências, um antídoto teórico que atua sob o manto da globalização e do consumo que camufla as pessoas e, em um processo catártico, as transformam em massas.

[...] o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA in: CARDOSO e VAINFAS, 2012, p.171).

Passemos, então, para as características da História Oral. Sendo um instrumento para a pesquisa, ela possui suas próprias técnicas. Portanto, difere das entrevistas que são conduzidas no meio jornalístico. Meihy (1996, p.32) aponta quatro distinções básicas que existem entre as entrevistas tradicionais e a História Oral:

- a) A técnica empregada na captação dos depoimentos;
- b) a transcrição com a explicitação da função do *eu*;
- c) o uso analítico ou não das mesmas, e
- d) o resultado a que se destina (se para a academia ou para o público em geral).

Em relação à transcrição com a explicitação do “eu”, Sarlo é enfática ao afirmar que *“de todas las materias con las que puede componerse una historia, los relatos en primera persona son los que piden, a la vez, mayor confianza y se prestan menos abiertamente a la comparación con otras fuentes”* (2007, p.162).

Gostaríamos de destacar, ainda, um aspecto relevante em relação ao levantamento e do registro dos depoimentos realizado pelo entrevistador na História Oral. Nesses dois momentos da entrevista, quem conduz a entrevista “deixa de ser um observador da experiência alheia e se compromete com o trabalho de maneira mais sensível e compartilhada” (MEIHY, 1996, p.28). A questão da verdade encerra-se, assim, com a força da verdade do “eu” narrador.

Como em todos os projetos de pesquisa, a História Oral exige um tempo necessário para o desenvolvimento de um planejamento de etapas distintas. Tal exigência assegura ao autor do projeto limites e focos rigidamente relacionados aos objetivos da pesquisa a ser conduzida.

[A] História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas [...] a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1996, p.15).

Embora exista uma vertente entre os historiadores que considere a própria palavra gravada um documento de História Oral, realizamos as transcrições das gravações das entrevistas realizadas. Além disto, o projeto de História Oral que foi planejado e executado e o modelo da carta de cessão estão nos apêndices desta dissertação.

José Carlos S. Bom Meihy, em sua obra “Manual de História Oral” (1996), classifica a História Oral em três modalidades:

- a) História Oral de vida: que é constituída por uma narrativa que contempla a experiência de vida de uma pessoa. Nela é dada a liberdade para que o colaborador apresente a sua história de acordo com sua própria vontade, ou seja, não há uma exigência para restringir ou direcionar o depoimento. Assim, as perguntas do roteiro desenvolvido pelo entrevistador estão organizadas em grandes blocos e devem ser amplas: “os

grandes blocos devem ser divididos em três ou quatro partes, no máximo cinco. Quanto menos o entrevistador falar, melhor” (MEIHY, 1996, p.36).

- b) História Oral temática: que é a que se identifica com os objetivos do nosso trabalho, pois ela “se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido” (MEIHY, 1996, p.41), especificamente em nosso caso, a relação entre as tecnologias da comunicação com a percepção da aceleração e da pressa. Este tipo de História Oral busca “a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão que seja discutível ou contestatória” (MEIHY, 1996, p.41). Nesta modalidade, o entrevistador deverá possuir um questionário e poderá interagir com o colaborador, apresentando, inclusive, opiniões que poderão ser discutidas com o depoente. Os questionários deverão ser diretos (porque se detêm no assunto em questão) ou indutivos (porque priorizam a contextualização: os fatos narrados devem possibilitar um resultado que será utilizado na pesquisa). Aqui, e como nas outras classificações da História Oral, deve ficar claro a importância de cada etapa que constitui o projeto, a saber: tema, justificativa e objetivos, definição da colônia, formação da rede, entrevista, transcrição, conferência, uso e arquivamento.
- c) Tradição oral: que difere completamente das duas primeiras apresentadas, por priorizar os mitos, o folclore e pela transmissão de informações de geração para geração.

Neste ponto da discussão, é relevante pensarmos conceitualmente sobre os estudos da memória, pois o desenvolvimento da pesquisa evidenciou um encadeamento envolvendo esta categoria com a História Oral, conforme discutiremos na sequência.

5.2 História Oral e Memória

Os estudos sobre a memória têm recebido maior atenção por parte dos pesquisadores nos últimos anos. Isso foi concretamente verificado após as décadas de 1970 e 1980. Sarlo (2007) denomina este foco dado sobre os aspectos subjetivos, em detrimento dos aspectos macro-políticos ou sociais, de “giro subjetivo”.

A importância de trazermos esta relação entre a História Oral e a Memória ocorre, neste trabalho, por entendermos que estamos lidando com construções, “*las ‘vistas de pasado’*”

(según la fórmula de Benveniste) son construcciones” (SARLO, 2007, p.13), e as narrativas de reconstituição da realidade social dos indivíduos exigem um aprofundamento nestas categorias, que transitam entre o passado e o presente, proporcionando uma dinâmica que requer uma atenção específica. Segundo Ribeiro, “a memória não se resume a um pacote de informações; é todo um processo permanente e vivo de construção e reconstrução com o desígnio de responder questões atuais” (2012, p.22). Esta reconstrução contribui para o enriquecimento desta pesquisa, além do desenvolvimento de novos horizontes para a Comunicação Social.

Esses novos horizontes podem ser revelados, inclusive, no processo da entrevista, através do relacionamento entre o pesquisador e o entrevistado (MEIHY, 1996). No momento do levantamento e do registro das informações, o entrevistador pode, caso queira, expor suas opiniões, colaborando, desta forma, para que o depoimento mantenha-se dentro do objeto em investigação, evitando desvios do tema proposto. “A memória oral, neste caso, permite que, além de se criar uma nova documentação, estabeleça-se uma relação diferenciada entre pesquisador e os sujeitos da história” (RIBEIRO, 2012, p. 84). Essa característica revelou-se em um cenário motivante para nós, pelo aspecto inédito do trabalho que tínhamos a desenvolver em nossa formação acadêmica, mas foi, ao mesmo tempo, instigante e desafiador, por nos ter tirado do domínio das técnicas do Jornalismo e pela proposição de novas técnicas de investigação.

Iniciemos por estabelecer um conceito para memória. Patricia Medina Melgarejo, em seu livro *Identidad y conocimiento. Territorios de la memoria: experiencia cultural yoreme mayo de Sinaloa*, nos diz que a memória é “proceso y producto construido a través de las relaciones y prácticas sociales, donde el lenguaje y la comunicación ostentan un papel fundamental” (MELGAREJO, 2007 apud VALDATA, Marcela, 2009, pp.174-175). Este conceito constituiu-se em um importante referencial teórico quando optamos por desenvolver a nossa pesquisa envolvendo os estudos sobre a memória, uma vez que ele agrega duas categorias que recebem atenção nesta pesquisa, ou seja, a investigação sobre as práticas sociais e a linguagem. Esta é objeto de discussão da terceira premissa da abordagem hermenêutica proposta por Michel de Certeau (2010), conforme apresentado mais adiante.

Embora diretamente relacionadas, a História Oral e a Memória são duas categorias distintas. De acordo com Meihy (1996):

Nos estudos sobre memória, normalmente bem conduzidos por psicólogos treinados para isto, o objetivo é notar os trajetos das lembranças e os lapsos de esquecimentos individuais e coletivos. Ainda que isto faça parte da história, não é a própria história (MEIHY, 1996, p.66).

Ainda segundo o autor, “memórias são lembranças e, como tais, dependem das condições físicas e clínicas dos depoentes” (MEIHY, 1996, p.65). E fundamenta sua afirmação acrescentando que o “objeto de análise (nos estudos envolvendo a memória) não é a narrativa objetivamente falando sem sua relação contextual, mas a interpretação do que ficou (ou não) registrado nas cabeças das pessoas” (MEIHY, 1996, p.65). Assim, através do registro deste resgate, do ato de recordar uma experiência vivencial, torna-se possível a elaboração de um documento que possui o mesmo valor científico de documentos escritos.

São exatamente as diferenças na compreensão dos conceitos de História Oral e Memória que justificam a presença destas categorias como balizadoras do nosso percurso metodológico: “a memória, por ser variável e desfocar o centro da reflexão sobre o discurso da entrevista, difere da história oral, que está atenta à inserção do indivíduo na sociedade e não na relação do depoente com suas lembranças” (MEIHY, 1996, p.66).

Em nossa discussão e pesquisa, foram relevantes tanto as lembranças dos entrevistados como as técnicas da História Oral. Isso no permitiu o acesso das informações que revelavam a maneira da inserção dos indivíduos na sociedade, através das suas práticas sociais, de uma forma metodologicamente organizada. Sarlo argumenta que

El pasado es siempre conflictivo. A él se refieren, en competencia la memoria y la historia, porque la historia no siempre puede creerle a la memoria, y la memoria desconfía de una reconstrucción que no ponga en su centro los derechos del recuerdo (derechos de vida, de justicia, de subjetividad) (2007, p.9).

Nessa trajetória metodológica, em detrimento dos embates conceituais, nos apoiamos sobre a contribuição de cada leitura realizada a respeito da História Oral e Memória, normativamente especificadas nas referências deste trabalho. A pesquisa revelava tal necessidade: “o problema/objeto concreto vai ser quem oriente e demande as técnicas necessárias para investigá-lo e conhecê-lo” (MALDONADO, 2006, p.293).

5.3 A base empírica

A base empírica é “um recurso metodológico muito importante para a realização de investigações que gerem propostas, estratégias, políticas e saberes consistentes para a transformação das condições e dos modos de produção midiáticos” (MALDONADO, 2006, p.284).

Baseado neste recurso, este trabalho desenvolveu entrevistas com três grupos distintos. A delimitação de cada grupo correspondeu a diferentes momentos da evolução do uso da palavra, da imagem e do som, buscando aprofundar e entender a percepção dos indivíduos sobre a passagem do tempo e identificar quais práticas sociais receberam a influência dessa percepção.

As perguntas se concentraram nas vivências dos entrevistados, investigando balizadores que sinalizassem uma possível relação entre as tecnologias utilizadas na Comunicação Social com a percepção de tempo acelerado e a pressa. Para as gerações de 1930 e 1960, o resgate dos eventos, no momento da coleta dos dados, foi realizado através de perguntas que as fizeram comparar a percepção do tempo e da pressa que elas possuíam no passado com a percepção que têm na idade atual. Para a geração de 1990, apenas a situação atual foi investigada, pelo fato de não possuir referenciais consistentes e vividos sobre a evolução das mídias. Desta maneira, os entrevistados poderiam abordar, por exemplo, práticas relacionadas às suas rotinas diárias, como a jornada de trabalho ou de estudos, trajetos percorridos, vida familiar, encontros com os amigos, o acesso às notícias ou qualquer prática associada ao lazer. Devido a vários aspectos, entre eles os culturais, outros exemplos de atividades e rotinas poderiam ser citadas, sem comprometer o escopo da investigação.

A pesquisa empírica constituiu-se de nove entrevistas desenvolvidas em Maceió-AL no período de Agosto/2016 a Janeiro/2017. Os entrevistados foram divididos em três grupos, cuja faixa etária e critérios para pertencimento a cada grupo estão apresentados a seguir:

- a) Três entrevistas com representantes da geração de 1930: conforme exposto, buscávamos indivíduos que testemunharam momentos distintos da utilização das tecnologias da comunicação. Este primeiro grupo representa a geração que vivenciou o período do predomínio dos jornais, das revistas, do rádio e do cinema. A escolha das entrevistas procurou cobrir toda a extensão da década, ou seja, os nascidos em 1933,

1937 e 1939, o que permitiria obter experiências diferenciadas no momento do levantamento dos dados.

- b) Três entrevistas com a geração de 1960: neste grupo, os entrevistados vivenciaram o período de expansão da utilização da televisão no Brasil, que surgiu na década de 50. Seguindo o mesmo critério e razões expostas no tópico anterior, foram buscadas pessoas nascidas em diferentes anos da década, como 1963, 1967 e 1969.
- c) Três entrevistas com a geração de 1990: período caracterizado pela expansão do uso da internet e do surgimento da televisão via satélite no Brasil. Assim como nos grupos anteriores, as entrevistas procuraram coletar informações com pessoas nascidas em anos diferentes, como 1993, 1997 e 1999, caracterizando melhor toda a extensão da década.

5.4 O processo de análise das informações coletadas

É importante a escolha de um modelo que atue como base para o tratamento das informações, embora saibamos que este seja um ponto facultativo nas pesquisas que trabalham com as técnicas da História Oral. A opção foi pela abordagem hermenêutica proposta por Michel de Certeau, filósofo e historiador, apresentada no segundo capítulo do seu livro “A escrita da história” (2010)³¹.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão etc), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática” (CERTEAU, 2010, pp.46-47).

De acordo com o autor, a operação histórica consiste na combinação de três elementos, que se tornam os pilares da sua proposta hermenêutica de análise:

³¹ O título original do livro é *L'Écriture de l'histoire*, publicado em Paris, em 1975. A primeira edição brasileira foi publicada em 1982 no Rio de Janeiro, pela Editora Forense Universitária. Neste trabalho utilizamos a terceira edição, publicada em 2010.

Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* “científicas” e de uma *escrita*. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto (CERTEAU, 2010, p.47, grifo do autor).

Vejamos, em detalhes, o que representa cada uma dessas premissas:

- a) O lugar social, de acordo com Certeau (2010), refere-se à relação existente entre a pesquisa historiográfica e um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Ou seja, é um sistema de referências que balizam a produção da história. Em termos práticos, é refletir que o pesquisador produz de acordo com o lugar social que ocupa, de uma posição econômica, com referenciais políticos e de uma vivência cultural. O lugar social

implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2010, p.47).

- b) A prática refere-se às técnicas de produção utilizadas pelo pesquisador na transformação das informações recebidas em história: “a história é mediatizada pela técnica” (CERTEAU, 2010, p.54). É a forma como o pesquisador desenvolve seu planejamento e o executa. Em nosso caso, as técnicas ministradas no curso de Comunicação Social e as da História Oral, constituíram-se em nosso principal referencial. Segundo Certeau (2010), esta premissa segue determinadas regras, entre elas:

- I. O estabelecimento das fontes ou a redistribuição do espaço: consiste em constituir uma nova posição para os autores sociais e, conseqüentemente, dar a este novo espaço o *status* de um documento.
- II. Fazer surgir diferenças: que se traduz em descobrir o heterogêneo no meio de um todo homogêneo. É diagnosticar, a partir de um modelo padrão, o diferente que seja tecnicamente utilizável e que atende aos objetivos propostos no escopo da pesquisa.

III. O trabalho sobre o limite: que representa a ciência de que a pesquisa é apenas a expressão das diferenças, segundo as formalizações científicas atuais ou do passado. Ou, ainda, é saber que o objeto está em relação de “uma operação a empreender (e não de uma realidade a obter)” (CERTEAU, 2010, p.82).

- c) E, como último pilar, o autor apresenta a produção da narrativa. De uma forma sintética, podemos defini-la como a construção de uma escrita: “*no hay testimonio sin experiencia, pero tampoco hay experiencia sin narración*” [...] (SARLO, 2007, p.29). Assim, ela é uma representação e pode ser entendida como a passagem da prática de investigação a um texto organizado através de significantes. Nessa premissa, Certeau (2010) apresenta uma reflexão que merece resgate:

Não é menos verdade que toda historiografia coloca um *tempo das coisas* como um contraponto e a condição de um *tempo discursivo* (discurso “avança” mais ou menos rápido, conforme ele se retarde ou se precipite). Mediando esse tempo referencial, ele pode condensar ou estender seu próprio tempo, produzir efeitos de sentido, redistribuir e codificar a uniformidade do tempo que ocorre (CERTEAU, 2010, p.93, grifo do autor).

A importância dessa citação revela-se no momento da coleta das informações, uma vez que o tempo discursivo apontado pelo entrevistado poderá estar sob o efeito comparativo da sua percepção de tempo nos dias de hoje, exigindo uma atenção maior por parte do pesquisador. Este conteúdo será abordado no próximo capítulo, onde serão apresentadas as principais informações mencionadas pelos entrevistados e diretamente relacionadas ao escopo deste trabalho.

6 AS PESSOAS E O TEMPO: INDIVIDUALIZANDO DIFERENÇAS

Sabemos da importância dos primeiros capítulos deste trabalho, onde fornecemos uma base teórica para as reflexões que seguiriam e formatamos os conceitos que balizariam as discussões, fornecendo recortes específicos, delimitações, e que atravessariam todo desenvolvimento do texto. Mas, temos consciência também da relevância da etapa que inicia agora, afinal, estaremos tratando de assuntos relacionados às pessoas. Na ausência destas, toda nossa discussão a respeito das teorias das mídias não teria uma razão para a existência, uma vez que estas tecnologias atuam no contexto das interações entre os homens, sujeitos ativos dos processos midiáticos, “desde a fala até o computador” (MCLUHAN, 1969, p.61). Este capítulo apresenta o diálogo entre as partes iniciais desta dissertação, representadas pelas bases teóricas, e o trabalho empírico, além de apontar direções para as questões da pesquisa e suas hipóteses. Este movimento nos capacitará para as discussões e reflexões desenvolvidas nas considerações finais.

A presença das pessoas nesta pesquisa reforça o conceito de sujeitos históricos comunicantes, presentes desde os primeiros exemplos das conquistas do homem sobre o espaço, como os corredores que levavam mensagens entre pontos determinados na Grécia antiga, ou na domesticação e utilização de animais para cobrir grandes distâncias. Este capítulo representa, assim, nosso tributo ao pluralismo da diversidade, em detrimento de respostas globais ou absolutas, privilegiando um espaço para o relativismo, para a individualização de vozes, “das reivindicações identitárias, ao multiculturalismo, [...] valorizando a diversidade cultural como traço essencial das sociedades humanas” (ORTIZ, 2015, p.9). Representa, também, nossa contribuição em fornecer dados empíricos que poderão se constituir em bases para futuras teorizações nas pesquisas sociais das Ciências da Comunicação:

Esta é, ao meu ver, a condição que deve reger a pesquisa acadêmica de Comunicação, pois somente através da elaboração interpretativa dos dados é que se pode atingir um padrão de trabalho científico no campo da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e pesquisa, operações técnicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas numa única experiência de investigação (LOPES, 2004, p. 33).

Passemos, então, para a apresentação das contribuições dos entrevistados para o desenvolvimento do trabalho. As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de

2016 a janeiro de 2017. Os entrevistados pertenciam a três décadas distintas (1930, 1960 e 1990), definindo um recorte temporal que assinala diferentes momentos da história da evolução das mídias: o primeiro marcado pelas mídias impressas, pelo rádio e pelo cinema; o segundo, pelo período de expansão da televisão, e o terceiro pelo alargamento do uso da internet e das transmissões via satélite. Utilizamos, de acordo com a exposição feita no capítulo que antecede a este, o modelo proposto por Michel de Certeau (2010).

6.1 Estabelecendo as fontes

As entrevistas foram feitas na cidade de Maceió, em Alagoas. Os critérios para a seleção dos colaboradores foram, além do ano de nascimento que deveria corresponder às décadas especificadas, o acesso ou o uso das tecnologias da Comunicação Social. Um breve resumo será apresentado da história de cada um e eles serão identificados, a partir de agora, pelas iniciais dos seus nomes:

- a) ROF: desde seu nascimento, sempre morou em Maceió-AL. Estudou inglês e fez o curso técnico de Contabilidade. Anos após a conclusão da sua formação no curso técnico, foi graduada em Ciências Contábeis. Atuou na área até a aposentadoria, em 1976. A partir daí, dedicou-se aos filhos e aos seus dois netos.
- b) ETR: mora em um dos bairros mais antigos da cidade, onde nasceu e viveu desde a infância. Descobriu muito cedo que os sonhos da adolescência de ser professora não iriam se concretizar, devido a um estágio que fez quando ainda cursava a 4ª série do Ensino Fundamental. Redirecionando seus talentos e vocação, concluiu o curso técnico de Contabilidade em 1960. Em sua vida profissional, dedicou-se ao IPASEAL – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado de Alagoas e também à UFAL – Universidade Federal de Alagoas.
- c) MESF: nasceu no interior do estado de Alagoas, na cidade de Capela. Veio morar em Maceió na década de 1950. Em função do casamento e dos três filhos, teve uma pausa de vinte e quatro anos na sua formação educacional. Após este período, reiniciou os estudos, concluindo o Ensino Médio. Realizou um concurso na Caixa Econômica Federal, onde trabalhou até sua aposentadoria. Participa ativamente de feiras de artesanato, expondo e comercializando seus trabalhos manuais.

- d) MGLR: natural do Rio de Janeiro-RJ, mas fixou residência em Maceió quando tinha cinco anos de idade. Fez vestibular em Direito, mas não exerceu a profissão. De 1982 até os dias de hoje trabalha como professora de inglês.
- e) FDFM: Nasceu na cidade de Rio Largo-AL, uma cidade distante apenas vinte e sete quilômetros de Maceió. A partir de 1978, passou a morar na capital do estado. Fez o curso de Mecânica na ETFAL - Escola Técnica Federal de Alagoas. Iniciou o curso de Administração de Empresas, mas não o concluiu. Profissionalmente exerce a função de consultor de vendas no ramo de lubrificantes automotivos.
- f) LFFTL: embora tenha nascido em Maceió, viveu parte da infância e da adolescência em Tanque d'Arca-AL. Com quatorze anos, passou a morar definitivamente na capital. Casou com quinze anos e ficou vinte anos afastada dos estudos. Após este período, reiniciou seus estudos e conseguiu aprovação em um concurso estadual. É bacharel em Administração de Empresas e cursa atualmente o curso de Pedagogia.
- g) DFTJ: natural de Maceió-AL. Concluiu o curso de Relações Públicas na UFAL – Universidade Federal de Alagoas e atualmente faz o curso de Jornalismo, na mesma instituição. Trabalha como estagiário no setor de Marketing em um dos maiores *shoppings* da cidade.
- h) YFA: sempre morou na cidade de Maceió-AL. Após a conclusão do Ensino Médio, iniciou na UFAL – Universidade Federal de Alagoas o bacharelado em Educação Física, onde cursa o quinto período. Possui planos de fazer o curso de licenciatura na mesma área e também quer estudar Fisioterapia. Nos dias atuais é estagiário do SESI – Serviço Social da Indústria.
- i) MECFU: natural de Maceió-AL, concluiu o Ensino Médio em 2016. Foi aprovada em um vestibular para o curso de Gastronomia, que será iniciado em fevereiro de 2017. Até então, não possui experiências profissionais.

Através da tabela que inicia a próxima página, poderemos ter uma visualização da distribuição dos entrevistados pelas décadas que representam:

	Entrevistado	Ano de nascimento	Formação
Década de 1930	ROF	1938	Graduação em Ciências Contábeis
	ETR	1938	Técnico em Contabilidade
	MESF	1939	Técnico em Contabilidade
Década de 1960	MGLR	1960	Graduação em Direito
	FDFM	1962	Graduação incompleta em Administração
	LFRTL	1967	Graduação em Administração e Pedagogia
Década de 1990	DFTJ	1991	Graduação em Relações Públicas e Jornalismo
	YFA	1996	Graduação em andamento de Educação Física
	MECFU	1998	Graduação em andamento de Gastronomia

Tabela 2: Distribuição dos entrevistados por década e o lugar social

6.2 Estabelecendo o lugar social

1930. Maceió vivia, assim como outras capitais do nordeste brasileiro, uma década marcada pelo predomínio das mídias impressas. O jornal demonstrava sua força neste período. Havia a publicação de dez periódicos na cidade: a maior oferta, entre todos os períodos estudados. Em contrapartida, apenas duas revistas eram produzidas na capital.

As décadas seguintes pesquisadas, a de 1960 e a 1990, foram generosas em relação à presença de emissoras de rádio. Um movimento em sintonia com o que estava acontecendo em toda a extensão do território brasileiro.

Este meio de comunicação que se generalizou no início do século XX, através de emissões regulares que passaram a ser escutadas por largas audiências, ao ponto de se considerar que verdadeiramente constituiu a primeira forma de comunicação de massas (FREIXO, 2006, p. 38).

Em Maceió, a história não foi diferente. A Rádio Difusora de Alagoas, a primeira da cidade, entra no ar em 1948. A segunda estação, a Rádio Progresso de Alagoas, inaugura em 1958. Estas emissoras são seguidas pela Rádio Gazeta de Alagoas (1961), Rádio Educadora Palmares de Alagoas e a Rádio Jornal. As programações consistiam de músicas, notícias, esportes, radionovelas e transmissões de programas de auditório. A grade estabelecia uma parceria consistente e contínua da mídia rádio com seus ouvintes.

Representando as mídias que desassociaram a imagem do som, o rádio ganhou o mundo: “Nos dias atuais, não há mais distâncias entre os povos do mundo graças ao poder de

penetração do rádio. [...] Não há mais zonas de silêncio, nem fronteiras para o som” (ALENCAR, 2004, p. 44). A escritora cearense Rachel de Queiroz, em uma edição do Jornal do Povo, expressa a força desta tecnologia, sob a perspectiva da cultura nordestina:

O rádio acompanha os donos e, principalmente, as donas-de-casa, até a tábua de bater roupa ou a apanhar feijão no roçado. Sabem que a farinhada só se faz agora ao som do rádio? Nas periferias da cidade as antenas de TV se eriçam sobre os telhados mais modestos, mais modestíssimos, que às vezes nem telhados são. Mas o rádio de pilha, além de estar tocando das cinco da manhã às dez da noite em todos esses mesmos barracos, penetra no interior mais longínquo, lá onde a eletricidade ainda não pode chegar (QUEIROZ, s/d apud ALENCAR, 2004, p. 39).

“A primeira sessão [de cinema] em Maceió ocorreu num casarão da Praça dos Martírios, onde funcionou o Telégrafo Nacional, entre 1890 e 1900” (BARROS, 2010, p.18). E, desde então, integraram-se definitivamente ao ambiente urbano maceioense. Maldonado (2006) expressa, através da citação abaixo, a força da articulação desta mídia neste momento em que apresentamos a configuração do lugar social:

No Brasil e na América Latina tornaram-se meios de massa o rádio e o cinema a partir da década de 1930, durante meio século foram os meios que articularam a produção de bens simbólicos para o conjunto da sociedade, estabelecendo culturas de consumo, circulação e produção de significativa penetrabilidade (MALDONADO, 2006, p.287).

A televisão iniciou suas atividades no Brasil em 1950, mas não teve uma penetração tão rápida quanto o rádio, que já dominava o cenário midiático alagoano. Segundo Ribeiro,

A televisão começou a se firmar como grande veículo de comunicação de massa a partir da metade da década de 1960, assim que as instituições de vendas a crédito e a redução dos preços garantiram as facilidades necessárias para que o brasileiro adquirisse o receptor (RIBEIRO, 2012, p.44).

O que se observa, depois do momento inicial da introdução desta mídia em nosso país, é que ocorre uma elevação da utilização e do consumo da televisão. Sua atividade em terras caetés inicia em 1975, com a TV Gazeta de Alagoas. A TV Alagoas surge em 1982, sete anos depois, trazendo para a cidade as imagens da emissora paulista SBT. A TV Pajuçara inicia suas transmissões nos primeiros anos da década de 1990, que também é o período de implantação da TV Educativa de Alagoas.

A história da internet em Maceió-AL inicia na década de 1990, através de um trabalho pioneiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL, localizada no centro da cidade.

Em 1992 a FAPEAL já iniciava suas atividades de fomento e indução tecnológica. A partir do mesmo ano a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas se tornava gestora do Ponto de Presença (PoP) da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), ligando *pioneiramente* o Estado de Alagoas à Internet, oferecendo serviço de conectividade à comunidade científica, instituições governamentais e ONGs. (Fonte: FAPEAL. Disponível em: <<http://www.fapeal.br/wp-content/uploads/2015/04/historicoFAPEAL1.pdf>>. Grifo nosso).

A conexão de internet que utilizava cabos telefônicos, conhecida como “conexão discada”, também tem o seu lugar durante esta década. Vale o resgate da prática comum na rotina dos maceioenses o acesso intenso no período que se estendia das 0:00 às 6:00 da manhã, e a partir das 14:00 dos sábados até às 6:00 das segundas-feiras, quando o valor pago era consideravelmente menor, geralmente apenas 01 (um) pulso. Fora destes horários a cobrança era de 01 (um) pulso a cada quatro minutos. Empresas como IG³², UOL³³ e AOL³⁴ passaram a fazer parte do dia-a-dia da população nacional, e também à do estado de Alagoas.

Desenvolvemos uma tabela com o objetivo de facilitar a visualização do cenário midiático existente na cidade de Maceió-AL em cada década. Acreditamos que este recurso poderá contribuir para uma melhor compreensão do ambiente que cada entrevistado possuía em sua contemporaneidade e, conseqüentemente, aprofundando o conhecimento do lugar social ocupado por cada um.

³² Empresa fundada em 9 de janeiro de 2000. A sigla significa “*Internet Group*”. É um provedor banda larga e de acesso discado à Internet. Foi adquirido em 2004 pelo grupo Brasil Telecom.

³³ Universo *on Line*, ou UOL, como ficou popularmente conhecida, é uma empresa que pertence ao Grupo Folha. Foi inaugurada em abril de 1996.

³⁴ A American *on Line* - AOL é uma empresa americana criada em 24 de maio de 1985.

	Revistas	Jornais	Rádios	Cinema	Televisão	Internet
Década de 1930	A Novidade	O Semeador, Gazeta de Alagoas, A Imprensa, A Notícia, A Província, Diário de Maceió, Jornal de Alagoas, Jornal de Hoje, O Estado e o Momento.	-	Cine Floriano e Cine Capitório.	-	-
Década de 1960	Feira literária	Correio de Maceió e Diário de Alagoas	Rádio Difusora de Alagoas, Rádio Gazeta AM, Rádio Jornal e Rádio Educativa Palmeiras de Alagoas.	Cine São Luiz, Ideal, Lux, Rex e Cine Plaza.	-	-
Década de 1990	Última palavra	Tribuna de Alagoas, O Jornal e O Repórter.	Rádio Educativa FM, Rádio Gazeta FM, Jovem Pan, Rádio Jornal de Hoje FM, Rádio Pajuçara FM e Rádio Manguaba de Pilar.	Cine Pajuçara e Cine Iguatemi	TV Alagoas, TV Gazeta de Alagoas, TV Pajuçara e TV Educativa de Alagoas.	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL

Tabela 3: Amostragem das mídias alagoanas disponíveis em Maceió-AL por década.

6.3 Estabelecendo as diferenças

A parte inicial das entrevistas consistia nas informações básicas sobre o entrevistado, como o nome completo, data de nascimento e a formação acadêmica. O roteiro seguia com o levantamento de informações que pudessem nos ajudar a configurar a relação dos colaboradores com as mídias relatadas neste trabalho. A primeira mídia pesquisada foi a revista. E diante da pergunta que indagava sobre a sua leitura frequente, percebemos que apenas quatro entrevistados possuíam este hábito.

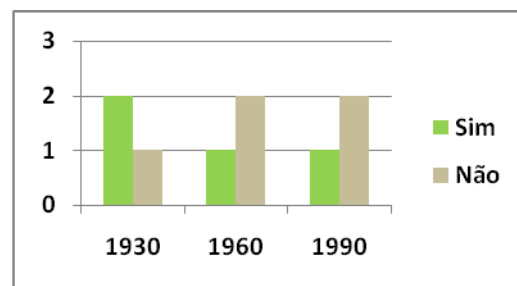
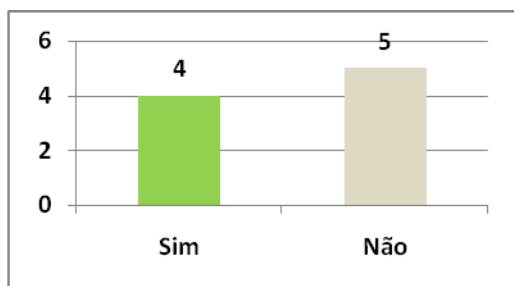


Gráfico 1: Visão geral da leitura de revistas **Gráfico 2: Visão por década da leitura de revistas**

A geração de 1930 foi a que apresentou o maior número de leitores regulares. Neste grupo, apenas a entrevistada ETR não respondeu afirmativamente, mas no momento da pergunta relatou que a sua visão sempre a limitou de desempenhar algumas atividades.

Leio. Eu gosto muito da Caras. Aquelas fofquinhas... Eu leio a Veja também. Eu gosto muito da Veja. Já tive a assinatura da Época, há uns quinze anos atrás. (ROF);

Gosto. Eu sempre fui assinante da Veja. Eu sempre fui assinante da IstoÉ, Sempre fui assinante de revistas como Contigo. A Caras tem muitas coisas assim... muita sofisticação, riquezas. Eu gosto daquela outra com mais fofoca, a Quem. Também comprava a Capricho e revistas em quadrinhos. Eu lia muito isto. *Superman*, aquelas coisas. (MESF);

Eu tinha a assinatura da Veja, mas até já deixei. Hoje tenho assinaturas de revistas evangélicas como A Colheita. (FDFM);

Eu gosto de ler a Graciliano, daqui de Maceió. Ela vai muito de temas. Por exemplo, teve um mês, que eu acho que foi outubro, que ela falou sobre Djavan. Aí, eu me interessei e comprei. Teve uma outra que ela falava sobre o CRB e o CSA. Achei interessante também. Comprei. Esse mês agora, comprei também. Está por aqui em algum canto. (DFTJ).

Ainda no universo das mídias impressas, a próxima pergunta da entrevista questionava sobre o hábito da leitura de jornais impressos.

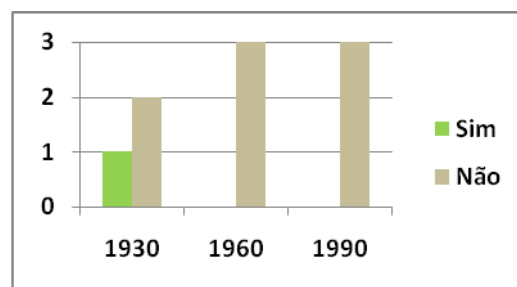
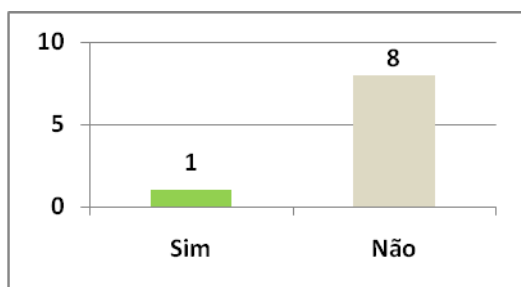


Gráfico 3: Visão geral da leitura de jornais **Gráfico 4: Visão por década da leitura de jornais**

O consumo da mídia jornal impresso foi pequeno entre os entrevistados, com apenas um leitor, ROF, integrante do grupo da década de 1930, que reportou uma compra quinzenal do periódico. Os demais não possuem contato nem com as edições especiais disponibilizadas geralmente aos domingos.

O rádio demonstrou-se uma mídia utilizada pelos entrevistados em todos os grupos, mas com uma proporção menor entre os nascidos na década de 1930. Em contrapartida, todos os entrevistados da geração de 1960 responderam afirmativamente em relação ao consumo diário desta mídia.

Ouçó a CBN sempre que estou no carro. Uma hora ou mais todos os dias. (MGLR);

Escuto o rádio todos os dias. Quando eu saio no carro, eu já ligo. Gosto muito da Rádio Pajuçara. (FDFM);

Ah... sempre que eu entro no carro ou estou em casa, fazendo alguma coisa, eu 'tô' muitas vezes ouvindo o rádio. (LFFTL);

Geralmente quando estou dirigindo, eu escuto muito o rádio. Eu gosto de rádio. (YFA);

Ouçó rádio todo dia. (MECFU).

Uma análise mais criteriosa do gráfico abaixo não demonstra nenhuma linha de tendência de consumo consistente que possa ser apresentada em relação à utilização desta tecnologia. Mas, nos permitiu uma conclusão no mínimo interessante: este foi o primeiro momento em que as respostas afirmativas superaram as negativas. E isto aconteceu quando saímos do cenário das mídias impressas e ingressamos na primeira tecnologia da pesquisa que envolvia o movimento.

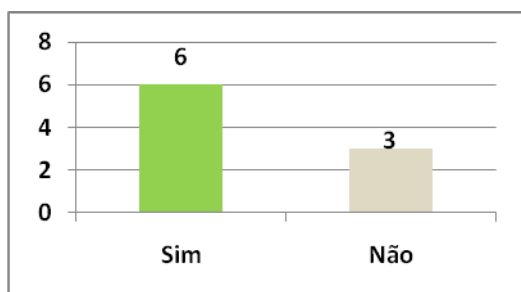


Gráfico 5: Visão geral do uso do rádio

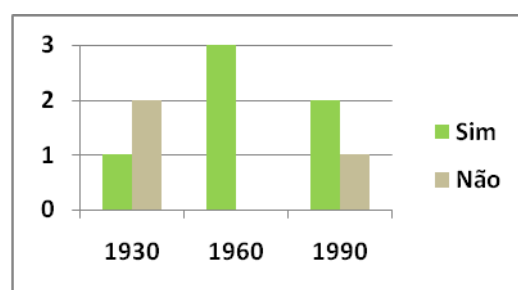


Gráfico 6: Visão por década do uso do rádio

A televisão comprovou, mais uma vez, sua importância, quando analisamos a utilização ou o consumo frequente. Unanimidade entre todos os grupos pesquisados, ela revelou-se a tecnologia mais utilizada no escopo da pesquisa. Os relatos dos entrevistados, regra geral, revelaram que, uma vez que estivessem dentro de casa, o aparelho de televisão estaria ligado.

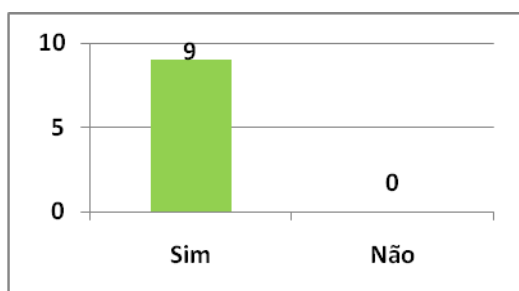


Gráfico 7: Visão geral do uso da televisão

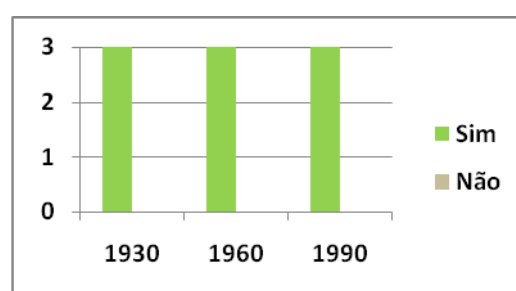


Gráfico 8: Visão por década do uso da televisão

Eu 'tô' com a televisão ligada o dia todo. (ROF);

Televisão eu gosto! Gosto muito de reportagens. Um pouco de tarde e mais a noite. Até meia-noite, duas horas eu 'tô' assistindo televisão. (ETR);

Até duas horas, uma e meia... eu fico na televisão. Fica quase ligada o dia inteiro. Eu gosto muito do repórter. Seja ele qual for, do mais bruto ou mais leve. Assistio demais jogos. Meu negócio é mais esportes. Quando não tem um esporte bom, uma coisa que eu quero assistir, vou até para o box, quando não tem futebol ou quando não tem *volley*, que eu amo. (MESF);

Eu chego em casa e ligo a televisão. Se estou na cozinha e estou sozinha, a televisão 'tá' na maior das alturas. (MGLR);

Direto. Se eu estiver em casa eu 'tô' na tela da TV. (LFFTL);

Eu sempre fui uma pessoa muito ligada à televisão, desde criança. Sempre foi o meio de comunicação que eu mais me identifiquei e ainda continuo muito. Eu assisto bastante TV. (DFTJ);

Gosto muito. Assistio televisão todos os dias, se deixar. (YFA);

Assisto TV muito mais do que ouço o rádio. Duas ou três horas por dia. Sempre quando eu estou em casa. Se eu 'tô', eu assisto. (MECFU).

A despeito da disponibilidade de salas de cinema na cidade de Maceió desde o século XIX, os resultados não mostraram uma frequência assídua às salas de exibição, principalmente nas gerações de 1930 e 1960.

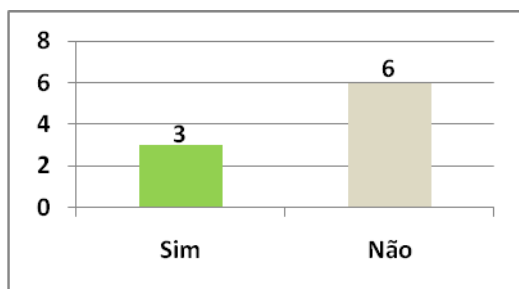


Gráfico 9: Visão geral do uso do cinema

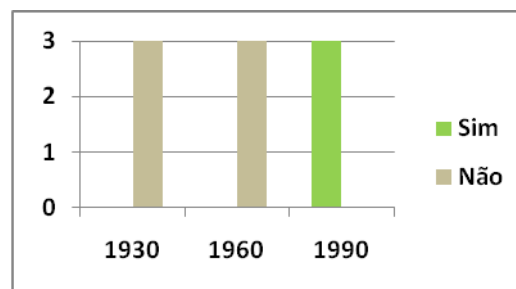


Gráfico 10: Visão por década do uso do cinema

Os entrevistados das décadas de 1930 e 1960, apesar de relatarem idas esporádicas no passado, foram categóricos nas respostas em relação ao não-hábito de frequentar as salas de cinema de Maceió nos dias de hoje. Porém, a geração de 1990 revelou-se unânime também, porém, em uma direção totalmente contrária, demonstrando ser uma consumidora assídua deste tipo de tecnologia.

Vou ao cinema duas vezes ao mês. Duas ou três... Hoje. Hoje, né? Porque antigamente era toda semana. Ia ao cinema quatro vezes ou mais... se sobrasse dinheiro. (YFA);

Vou muito ao cinema. Se der, vou toda semana. Vou três vezes por mês. Por aí... (MECFU);

O cinema é uma coisa que eu gosto muito. Mas, não vou tanto, por questões financeiras. Por exemplo, esta semana, eu quero ir. Vou uma vez a cada dois meses. É por épocas. Na minha primeira faculdade, eu ia bem mais. Acho que eu tinha uma frequência de ir uma vez por mês. Entendeu? Já na segunda [faculdade], quando começou o trabalho de verdade, eu não vou tanto. (DFTJ).

As respostas dadas às perguntas que procuravam sondar o grau de utilização dos entrevistados sobre o uso da internet evidenciaram de que se tratava de uma tecnologia bastante utilizada. Mas, os resultados revelaram que sua penetração na rotina de todas as gerações não ocorre com a mesma intensidade que a televisão.

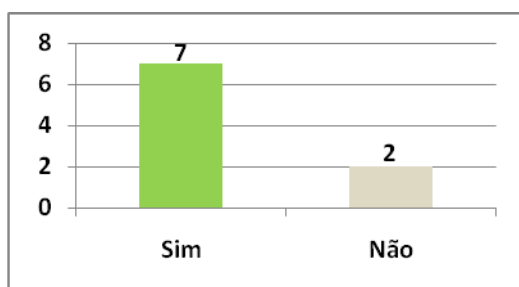


Gráfico 11: Visão geral do uso da internet

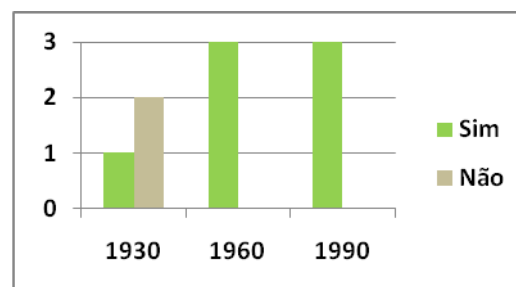


Gráfico 12: Visão por década do uso da internet

Apesar do fácil acesso a esta mídia, dois entrevistados da geração de 1930 responderam que não fazem o uso desta tecnologia. MSSF, da década em questão, respondeu que utiliza a internet, porém deixou claro que, apesar de possuir um perfil no Facebook e no Instagram, usa com frequência apenas o aplicativo Whatsapp. Porém, os colaboradores das décadas de 1960 e 1990 revelaram o uso da internet com uma frequência diária bastante representativa.

Como eu trabalho com a área de vendas, então muitos clientes passam os pedidos através de *e-mails* e também através do Whatsapp. (FDFM);

Uso demais. Todos os dias. No meu trabalho, eu tenho que estar conectada no meu *e-mail*. E também estudando, ou lendo... Eu leio o noticiário todos os dias. No Whatsapp eu entro o tempo todo. (LFFTL);

24 horas. Por exemplo, de manhã a primeira coisa que eu faço é pegar o celular e ver o meu Instagram. E pronto. Aí vou me arrumar para ir para o trabalho. Aí, quando eu chego no trabalho, eu vejo o *site* do *shopping* específico e depois vou ver o Facebook. E aí no Facebook, eu acabo vendo as informações do dia. Entendeu? (DFTJ);

Uso muito. Estou sempre grudado no celular. Uso muito Whatsapp, Telegram, YouTube, Facebook, Snapchat. Uso muito Google. É mais para redes sociais. Topado. Baixar músicas... (YFA);

Eu estou sempre conectada. O tempo todo. (MECFU).

Termos o cenário real do acesso e da utilização das mídias entre os entrevistados foi fundamental para o movimento seguinte da pesquisa, quando introduziríamos as questões sobre a percepção do tempo.

E diante desta questão, não houve hesitação em nenhum dos nove entrevistados. Todos foram enfáticos em afirmar que, na percepção deles, o tempo está passando rápido. A palavra “rápido”, inclusive, foi dita em todas as sessões. Acrescentada de um advérbio de intensidade, como “muito rápido” ou “mais rápido”, foi dita por sete vezes.

O tempo está passando rápido. Quando a gente é menor, menos idade, a gente não se preocupa. Mas o tempo vai passando. Quando a gente chega na maior idade, aí sente que as coisas estão andando rápido. Rápido, rápido, rápido. (ROF);

Eu acho que o tempo está passando muito rápido. Eu tenho esta impressão. Quando passa a quarta-feira, no outro dia já é domingo. Segunda-feira é hoje, quando é amanhã, já é sábado. Pelo amor de Deus! (ETR);

Muito rápido. Mas ao mesmo tempo, eu imagino assim que esta rapidez que eu acho que está passando, é porque nós temos muitos afazeres. Muita coisa para fazer. O que nós temos para fazer é mais do que o tempo que nós temos

para fazer. Então a gente se entrega de uma forma que a gente não vê o tempo passando tão rápido. Eu tenho a impressão que você pensa que está no mês de janeiro, quando você vê, você já está em junho. Você não nota que chegou junho. Aquela rapidez assim. (MESF);

O tempo está passando muito rápido. Eu não sei se o tempo está passando muito rápido ou a se a gente está ficando sem tempo de aproveitar o tempo, de sentir... Quando a gente é jovem, adolescente, quando não tem muita responsabilidade, parece que o tempo demorava mais para passar. De um natal para outro era uma eternidade. Hoje, como a gente corre tanto, o dia todo, dá a impressão que o tempo está passando mais rápido. (FDFM);

Quando a gente morava no interior, a gente não achava que o tempo passava rápido. Talvez eu ache que a gente não percebia muito. Sendo que hoje, passa muito rápido. Porque quando eu vou dormir, daqui a pouco já está na hora de acordar, está na hora de eu ir para o colégio, ‘tá’ na hora de eu voltar para casa. Então, na minha opinião, hoje ele está passando mais rápido do que na minha adolescência. (LFFTL);

Você sente que o tempo passa rápido? Passa rápido. Muito rápido. Se você for fazer uma comparação, o ano acabou de começar e já terminou. E a gente não sente isto. Então, para mim, o tempo passa muito rápido. (DFTJ);

Parece que hoje o tempo passa mais rápido. A gente corre mais, faz mais coisas, está mais ocupado, ou seja, são as 24 horas do dia. Independente. Antigamente tinha menos coisas para fazer. As pessoas paravam mais, ficavam mais descansando. E hoje, de manhã já tem uma coisa para fazer. No almoço, come rápido, porque tem outras coisas para fazer. Aí a pessoa fica sempre ocupada e não vê o tempo passar. (YFA).

A percepção do tempo constituiu-se em uma das principais questões deste trabalho, ou seja, a investigação de como três gerações distintas (1930, 1960, 1990) vivenciaram o tempo na sua cotidianidade. E a pesquisa de campo nos revelou uma totalidade dentro do universo pesquisado de uma passagem rápida do tempo. Confirmou também a hipótese apresentada de uma percepção da existência de uma compressão espaço-temporal mais relacionada às últimas tecnologias que surgiram no universo da Comunicação Social.

Conforme expomos na fundamentação teórica, novas reformulações na compreensão dos conceitos do tempo e do espaço foram exigidas quando do surgimento ou expansão destas tecnologias, acelerando, diminuindo seus valores e, em alguns casos, até anulando-os.

O resgate de George Eliot, neste ponto da nossa discussão, soa apropriado: “o mundo marcha em um ritmo mais acelerado do que quando eu era jovem. ...É esse vapor que você vê” (ELIOT, 1826 apud BRIGGS, 2006, p.112). Do vapor, a humanidade passou a ver a eletricidade. E com a eletricidade outros sentidos foram privilegiados através do cinema, das

revistas, dos jornais impressos, do rádio, da televisão, da internet e das transmissões em tempo real. O “vapor” das tecnologias integrou-se à percepção do tempo e do espaço.

E isto também foi confirmado através das respostas dos colaboradores, ou seja, uma associação das tecnologias, predominantemente aquelas ligadas às Ciências da Comunicação, com a percepção do tempo e, conseqüentemente, com o fenômeno das acelerações. Durante as sessões de coleta dos dados empíricos, sete entrevistados disseram que, na opinião deles, havia uma relação das revistas, dos jornais impressos, do rádio, televisão, cinema e da internet com a percepção que eles possuíam de que o tempo estava passando rápido.

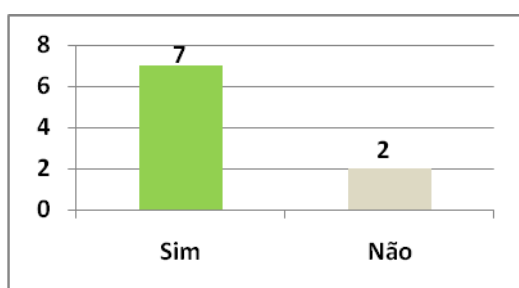


Gráfico 13: Visão geral da associação da percepção da passagem do tempo com as tecnologias

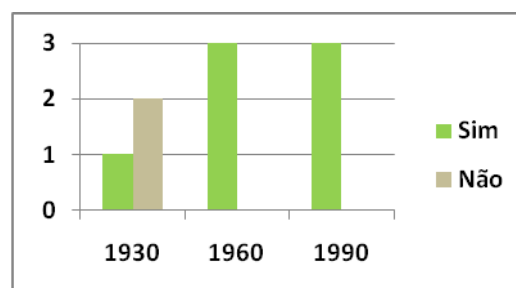


Gráfico 14: Visão por década da associação da percepção da passagem do tempo com as tecnologias

Nos dois casos de respostas negativas em relação à associação da percepção da passagem rápida do tempo com as tecnologias citadas, a pergunta foi repetida, para que não gerasse nenhum tipo de dúvida em relação à resposta dada. Diante da repetição da questão, a entrevistada ROF não apresentou justificativas para a sua resposta. Já ETR, afirmou: “Nunca botei culpa na televisão não”. E os que fizeram a associação entre a percepção do tempo e as tecnologias afirmaram:

A televisão e o rádio me ajudam a ficar atualizada. Por que se você não estiver ligado, ou com a televisão, ou com rádio ou com a internet, você se perde. Porque a sensação que você tem é que as notícias estão acontecendo muito, muito... e eu não gosto de não estar a par do que está acontecendo. As notícias estão chegando muito rápido. Como você tem uma comunicação muito rápida, então a sensação é esta de que está acontecendo tudo ao mesmo tempo agora. (MGLR);

Você olha e vê pessoas bem sucedidas. Amigos seus que já estão em seu canto. E você está ali... Você acha que eles estão muito melhores do que você. Você vê lugares, você vê coisas que você quer vivenciar ou ter. Então, eu acho que elas [as mídias] influenciam isto. Elas me fazem ter pressa para ter dinheiro, para poder ter uma vida incrível e poder divulgar isto. (DFTJ);

Você tem que estar inteiramente conectado com sua vida profissional. (LFFTL).

Tem umas coisas que a internet prejudica demais. Para começar, com os bancos. Você vai “no” banco e tudo ali é conectado, não é? Qualquer coisa que você quiser fazer ali, só faz se for dentro daquele plano que já está ali preenchido, que já está formatado. Por mais amigos que você “tem” ali, e você pode ser amigo do maioral, mas ninguém pode fazer o que quer. Está tudo amarrado. Não entra nada, a não ser da forma como está ali. Antes, as pessoas eram mais amáveis, eram mais gente. O coração era maior. (MESF).

A história envolvendo as conquistas da humanidade sobre as barreiras temporais “começou quando o primeiro homem das cavernas protelou o cair da noite acendendo uma fogueira” (BERTMAN, 1998, p.249). Poderíamos dizer o mesmo em relação às barreiras espaciais, quando da invenção da roda. O homem descobre a força do “mais” e os benefícios do “mais rápido”. Esta habilidade atravessou séculos, acumulando conquistas e reforçou cada vez mais uma intensa utilização destas tecnologias na rotina da sociedade. Mas, o mesmo aparelho celular que sinaliza a hora de acordar, apresenta, na sua tela inicial, as atualizações das informações que “perdemos” enquanto estávamos dormindo. Mas, não sem um preço.

Imagem e eletricidade, de mãos dadas, vão ditar os preceitos do mundo, sua sociabilidade, sua memória e seus projetos, seus ritmos e tempos, seus territórios e espaços, sua capilaridade e sua potência (BAITELLO JUNIOR, 2010, p.73).

Novas configurações temporais possibilitadas pelas tecnologias também estenderam seus imperativos e suas características para a exigência de novas configurações espaciais e de novas maneiras de se relacionar com ele: “o tempo cria o espaço” (BERTMAN, 1998, p.278). A forma como percebemos nossa cidade será alterada a cada vez que a percorrermos com uma velocidade diferente. Somos, de acordo com Bertman, “habitantes de uma terra sempre nova” (1998, p.53). Estabelecem-se, assim, os dois lados da moeda da tríade tempo-espaço-tecnologias.

A concepção mecanicista do mundo e da vida sociocultural não foi uma moda intelectual, esteve, e está, profundamente condicionada e sustentada pelas revoluções tecnológicas e pela transformação concreta da vida social produzida pelos novos sistemas tecnológicos nos séculos XVIII e XIX, que configuraram novas *forças produtivas* na produção de bens materiais e simbólicos (MALDONADO, 2006, p.287, grifo do autor).

Assim, diante da percepção de uma passagem de tempo acelerado, partimos para perguntas que levaram os entrevistados a pensar sobre a pressa no desenvolvimento das suas rotinas, na tentativa de acompanhar o ritmo do vapor das tecnologias: cinco afirmaram ser este um fator sempre presente no seu dia-a-dia.

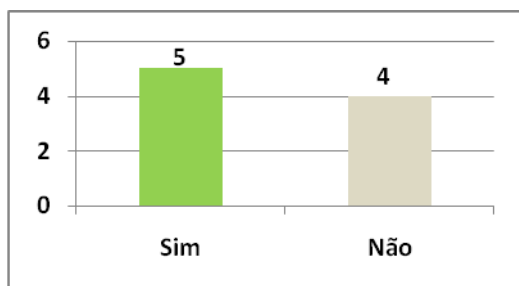


Gráfico 15: Visão geral sobre a pressa

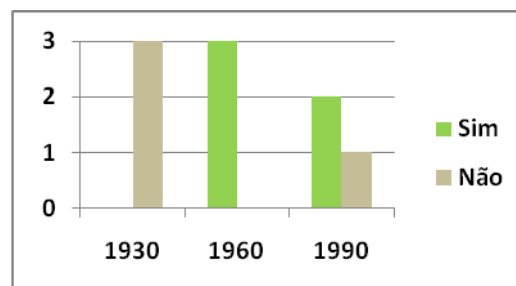


Gráfico 16: Visão por década sobre a pressa

É importante destacar uma totalidade de respostas negativas na geração de 1930 e uma totalidade de respostas afirmativas na de 1960, principalmente quando fazemos uma associação deste gráfico com os de número 12 e 14. Outro ponto que também merece observação é de que quatro entrevistados associaram espontaneamente a pressa com suas rotinas profissionais.

A percepção que temos do mundo a nossa volta é construída através da nossa relação com o que o constitui. Assim, se o mundo ao nosso alcance é impregnado de velocidade, a percepção dos colaboradores não nos causou estranheza: “o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14). E também dos esforços que fazemos para acompanhar este mundo percebido:

Quando eu trabalhava, tinha dia que eu ia de manhã para o trabalho e não me lembrava que existia banheiro... Cafezinho no meu “birô”? Botavam um cafezinho ali, e ali ele ficava. Eu trabalhava tanto que eu me esquecia. (MESF);

Quando eu tenho que trabalhar, eu me apresso. Agora, eu faço de modo que eu não tenha que me apressar tanto. (MGLR);

Você tem a correria do dia-a-dia para sobreviver. As propagandas... você hoje “tem” que trabalhar mais, “tem” que ter mais dinheiro, “tem” que gastar mais... Então, isso aí é influência da televisão, a internet, tudo isso... (FDFM);

A gente vive de uma forma acelerada... A busca de trabalho, de sucesso, de ter dinheiro... Isto nos faz perder a noção... A gente fica tão focado em só trabalhar, em conseguir, para poder comprar alguma coisa, para poder fazer alguma coisa, que aí você acaba não tendo tempo. (DFTJ);

Eu não sei. Nem eu mesmo entendo porque eu sou uma pessoa tão apressada. É chato ficar parado, esperando... Eu acho chato! Se tem que fazer, vamos fazer logo rápido. Se estou com um wi-fi bom e vou para um wi-fi ruim, aí eu já fico com raiva, porque fica aquele negócio mais lento... Aí, eu percebo como agoniado eu sou. Entendeu? Não só eu, mas muita gente se tornou dependente. (YFA).

Aparelhos “inteligentes”, fortemente integrados à rotina da humanidade, conduzem seus usuários através da força das suas características técnicas, como velocidade, instantaneidade, imediatismo, simultaneidade e acessibilidade. O encantamento destas palavras se concretiza na visão que temos da larga utilização destas tecnologias, cadenciando o ritmo das suas ações e, alguns casos, até determinando suas prioridades, estabelecendo e confirmando a discussão exposta nesta dissertação da carga ideológica e na força de hábito, de lei e de influência que a palavra “tempo” adquiriu na sociedade:

Por outro lado, certas culturas talvez acreditem ingenuamente que podem ter benefício de ordem econômica sem pagarem um preço ideológico. No entanto, as tentações de ordem material são inevitavelmente acompanhadas por atrações ideológicas. Os objetos não são só artigos para serem usados, mas implicam muitas vezes um certo estilo de vida, que encerram uma filosofia de vida e do ritmo ao qual deve viver a vida (BERTMAN, 1998, p. 227).

Perseguimos também durante esta pesquisa a identificação das práticas sociais associadas à percepção do tempo e a relação destas com o surgimento e a expansão das principais tecnologias da Comunicação Social e das Mídias nos séculos XX e XXI. As atividades relacionadas ao trabalho receberam o maior número de menções: na primeira vez que introduzimos a palavra “pressa” nas entrevistas, quatro colaboradores fizeram uma associação imediata desta com suas vidas profissionais. E no momento da pergunta específica sobre as práticas sociais, novamente aquelas relacionadas ao trabalho foram as mais repetidas. As outras práticas que também foram citadas foram: a forma de comemorar as principais festas durante o ano (1), a forma de consumir as notícias do Brasil e do mundo (1), as atividades que são escolhidas para o momento de lazer (1) e, por último, os momentos dedicados ao descanso (1):

A mudança do [ambiente] social. Você chega no carnaval, daí você sabe que está em fevereiro ou março. Mas, quando passa o carnaval, você já está em junho, porque começa o forró, começam as coisas... Quando termina o mês de junho, aí já demora um pouquinho, porque não tem muita coisa. Mas, aí quando chega outubro, novembro e dezembro, já chegou o natal. A gente se assusta as vezes. Eu me assusto com o tempo. (MESF);

Se você não estiver ligado, ou com a televisão, ou com o rádio, ou com a internet, você se perde. A sensação que você tem é que as notícias estão acontecendo e eu não gosto de não estar a par do que está acontecendo. (MGLR);

Por exemplo, na hora do descanso, depois do almoço, ou no almoço, ou quando você tinha um tempo livre, você não para, para ficar... sei lá... ouvindo uma música, tocar um instrumento. Você pega o celular, vai lá ver alguma coisa, ou liga a TV, bota em um programa ou bota em um filme, ou alguma coisa assim. (YFA).

Resta-nos refletir até que ponto as pessoas, diante da velocidade dos mecanismos tecnológicos, entendida pelo senso comum como um imperativo, são capazes de fazer escolhas conscientes em relação a um mundo e às coisas que passam aceleradas diante deles, seguindo o ritmo de um tambor ideológico que exige experiências cada vez mais rápidas e imediatas, que exige uma corrida da humanidade rumo a uma adaptação à velocidade da vida eletrônica (BERTMAN, 1998).

Tem-se vergonha de descansar, e a reflexão prolongada quase causa às pessoas dor de consciência, Pensa-se com o relógio na mão, mesmo ao fazer-se a refeição do meio-dia enquanto se lêem as últimas notícias do mercado de ações; vive-se como se se pudesse “perder alguma coisa” [...] A virtude veio a consistir em fazer algo em menos tempo que os outros (NIETZSCHE, 1882 apud GITLIN, 2003, p.102).

Os últimos minutos de cada sessão foram dedicados aos conteúdos midiáticos, através do resgate das lembranças dos entrevistados em relação a algum comercial de televisão, uma revista em quadrinhos, um programa de auditório etc, que traduzisse a opinião apresentada na entrevista de uma percepção de uma passagem rápida do tempo. Ou seja, se alguma mensagem veiculada através das mídias que foram citadas durante a conversa ilustrava ou reforçava a percepção dos colaboradores. Assim, foram citados os programas especiais do Roberto Carlos exibidos anualmente, geralmente no mês de dezembro, pela Rede Globo de Televisão (ROF); as imagens ou músicas veiculadas nas mídias dos artistas da Jovem Guarda³⁵ (ETR); os comerciais da empresa aérea Varig³⁶ (MGLR); as imagens das apresentações da banda Pholhas³⁷ (LFFTL) e as reprises dos desenhos animados que

³⁵ A Jovem Guarda foi um movimento que surgiu no Brasil na década de 1960. Era constituída de expressões comportamentais, musicais e também de moda.

³⁶ Primeira companhia aérea fundada no Brasil.

³⁷ Banda brasileira criada em São Paulo em 1969.

começaram a ser exibidos na televisão brasileira nas décadas de 1990 e 2000, como Padrinhos Mágicos³⁸, Cavaleiros do Zodíaco³⁹ e Johnny Bravo⁴⁰ (YFA).

³⁸ Desenho de origem norte americana. Os principais personagens da série são Timmy Turner e seus padrinhos Cosmo e Wanda. Passou a ser exibida no Brasil através do canal Fox Kids em 2002.

³⁹ Série japonesa que conta a história de heróis místicos.

⁴⁰ Série de desenhos criada nos Estados Unidos. Foi produzida pelo Cartoon Network. Relata as aventuras de um jovem musculoso e vaidoso a procura de uma namorada.

7 Considerações Finais

“Toda pesquisa é uma verdadeira aventura metodológica” (LOPES, 2004, p.30). A autora expressa nesta frase simples o nosso sentimento ao chegarmos às considerações finais deste trabalho. Sabíamos do desafio que tínhamos a nossa frente. Afinal, além das questões teóricas e metodológicas da pesquisa, estávamos lidando com categorias clássicas e que receberam contribuições de várias áreas do conhecimento, como a Física e a Filosofia.

Explorar teórica e conceitualmente o tempo e o espaço revelou-se um grande empreendimento. As leituras de vários autores tornaram-se densas, generosas, conduzindo a reflexões profundas e em várias direções. Nos detemos, por se tratar de uma dissertação, de incluir elementos específicos, que nos ajudassem a configurar compreensões que delimitassem conceitualmente estas categorias que nos acompanharam durante toda a execução do trabalho. A jornada, embora árdua, tornou-se positiva. Não apenas pelas opções que apontou, mas pelo desenvolvimento e vivência que experimentamos em cada etapa integrante da pesquisa. Cada uma, de acordo com o objetivo a qual se destinava, ofereceu elementos que proporcionaram um alargamento das fronteiras do conhecimento e, conseqüentemente, de enriquecimento dos pensamentos comunicacional e midiático.

Dois objetivos atuaram como balizadores principais durante esta jornada. O primeiro era a identificação das práticas sociais associadas a uma percepção acelerada do tempo. A pesquisa de campo foi essencial neste período. As entrevistas sinalizaram uma convergência considerável de testemunhos que relacionaram esta percepção às práticas envolvidas com o exercício de atividades profissionais, influenciando a rotina de trabalho dos entrevistados. Outros exemplos também foram citados, como a maneira de consumir as notícias nacionais e internacionais, as novas concepções sobre os momentos que antes eram dedicados exclusivamente ao descanso, a antecipação dos ambientes gerados pelas principais datas comemorativas do ano e as alternativas utilizadas nos dias atuais para o entretenimento e o lazer. O segundo objetivo consistia na investigação de uma possível associação entre o surgimento e a expansão das principais tecnologias da Comunicação Social e das Mídias nos séculos XX e XXI com esta percepção de tempo acelerado. Metas alcançadas, os resultados nos direcionaram para conclusões consistentes, mas também nos colocaram diante de cenários a serem pesquisados em um momento posterior.

Fazemos referência à necessidade de análises que aprofundem nas inter-relações que os estudos das tecnologias das Ciências da Comunicação Social estabeleceram com os contextos políticos, sociais e econômicos, devido a uma série de inferências que a pesquisa apontou. Este movimento possivelmente envolverá na discussão em uma etapa futura, além da Filosofia e da Física, aportes teóricos na Psicologia, na Sociologia e na Antropologia. Agindo nesta direção, reforçaremos os avanços e os resultados apresentados nesta dissertação, dos quais destacamos: (a) a percepção de tempo acelerado nos dias atuais, (b) a associação desta percepção com as principais tecnologias diretamente utilizadas pela Comunicação Social, (c) a identificação de práticas sociais associadas à percepção de uma passagem rápida do tempo, (d) a possibilidade da existência do que denominamos de cultura da pressa, e (e) a importância da interdisciplinaridade nos estudos da Comunicação Social e das Mídias.

O que nós chamamos de uma cultura da pressa surgiu diante da visão que nos foi proporcionada durante este jornada. Fomos colocados diante da possibilidade de vislumbrar horizontes ainda não explorados e com potencial de contribuição importante para as fronteiras do conhecimento. Estas conclusões se apoiavam, entre vários exemplos, em afirmações da década de 1980, período do surgimento da internet e do seu uso apenas para fins militares e acadêmicos, através de Renato Russo ao dizer que “temos todo o tempo do mundo”⁴¹, e em 2017, quando o entrevistado FDFM contra-argumentava: “a gente não tem tempo de aproveitar o tempo”. A pouca exploração de discussões teóricas abordando a questão das acelerações e da pressa no período anterior à década de 1980 reforça uma falsa associação destes temas apenas com os avanços tecnológicos contemporâneos. Mas a força do “sempre” de Claude Hopkins (1966) evidenciou um hiato na pesquisa e nos motivou a repensar a questão, partindo de novos interlocutores: aqueles que testemunharam o surgimento e a expansão das tecnologias que possibilitaram novos horizontes de interação na sociedade.

Rotas de confronto que nos motivam, ao desenvolvermos estas considerações finais, a avançarmos mais e nos aprofundarmos, através de uma tese, nas relações estabelecidas entre as categorias tempo, espaço e tecnologias da Comunicação Social e das Mídias, A questão dessa nova qualificação nos conduz a pensarmos na representação do conceito de tempo para a sociedade contemporânea.

⁴¹ Frase da música “Tempo perdido”, 17ª faixa do álbum “Como é que diz eu te amo” da banda brasileira Legião Urbana.

Somos impelidos também a apresentarmos um convite para questionamentos a respeito deste mundo de possibilidades quando analisamos as principais categorias desta pesquisa e suas inter-relações. É fecunda uma reflexão do que as Ciências da Comunicação e das Mídias têm feito a respeito da necessidade de equiparmos as pessoas para uma escolha consciente dos fatores desta ordem política, econômica e social instituída pelas tecnologias desenvolvidas aqui. Sabemos que o acesso a elas é importante, e temos consciência dos benefícios que podem trazer, mas acreditamos igualmente na importância de capacitarmos as pessoas para o desenvolvimento de opiniões críticas sobre o tema.

O nosso convite-desafio também é estendido para os profissionais que atuam na formação dos novos graduados nas Ciências da Comunicação, fornecendo-os, nesta sociedade tecnológica global a capacidade de compreensão das dimensões econômicas, sociais e políticas envolvidas nesta discussão e a importância do direito de escolha na utilização das inovações eletrônicas e dos recursos oferecidos por cada uma no momento do exercício da profissão. Este movimento possibilitará novas perspectivas de futuro para a área e para as sociedades, além de mais oportunidades de ação.

Entendemos que a globalização e a tecnologia podem se tornar fenômenos predominantemente positivos. Mas, para que isto aconteça é fundamental que exista um encontro dos interesses de todas as partes que participam deste processo. O progresso econômico é importante, mas isto não deve posicionar os fatores sociais em um segundo plano. Os modelos de sociedade a serem perseguidos devem se definir não somente no capital, mas, acima de tudo, no ser humano, na busca contínua pelo conhecimento, por uma definição ética das suas potencialidades, mas também dos seus limites, no destaque e no respeito às diferenças que compõem a riqueza da diversidade humana.

As conquistas do homem sobre a natureza, resultando na compressão espaço-temporal, conduzem as sociedades a um movimento em direção a uma definição de progresso e desenvolvimento que não conhece intervalos ou limites: “as imagens técnicas são tentativas de juntar os elementos pontuais em nosso torno e em nossa consciência de modo a formarem superfícies e destarte taparem os intervalos” (FLUSSER, 2008, p.24). As conquistas tecnológicas na área das comunicações são atualizadas e incrementadas a cada momento, novos intervalos surgem e se renovam no ritmo de anseios, expectativas e necessidades de um mundo veloz.

O sentimento de estar em *offline*⁴² diante deste universo de informações rápidas que passam diante dos nossos olhos gera desconforto: sabemos da impossibilidade de retirar a velocidade das coisas que constroem o mundo atual, essas extensões do homem, utilizando as palavras de McLuhan (2000), dessa segunda pele, ou ainda, desses meios que proporcionaram novos ritmos para o ser e o estar no mundo. As questões geradas por essa representação e percepção do tempo, entendido como o guardião do ritmo da sociedade atual, não são compatíveis com interrupções, diferenciações entre dias e noites, espaços geograficamente delimitados e períodos específicos de trabalho ou de lazer. Mas, também sabemos, como pesquisadores da Comunicação Social, que não precisamos trabalhar com os elementos essenciais da nossa área, que são as imagens e as palavras, como reprodutores de consensos, ou falsos geradores de padrões de práticas sociais que perdem seus contornos no amálgama da “globalização”.

"Eu preciso chegar em algum lugar que eu também não sei qual é, nem ninguém sabe o que é. Mas sei que eu preciso chegar lá" (DFTJ). Da luz gerada pela primeira fogueira à instantaneidade de uma transmissão via satélite – quantos avanços consideráveis para a história do homem. O imperativo ainda é ouvido nos dias de hoje: “navegar é preciso⁴³”. Precisamos apenas saber quando, e para onde. *It's always six o'clock now*⁴⁴.

⁴² A expressão é um advérbio em inglês e significa “estar fora de uma linha” (tradução nossa). Neste caso, nos referimos à inexistência de uma conexão com um outro computador ou a qualquer dispositivo eletrônico.

⁴³ Frase imortalizada pelo poeta português Fernando Pessoa.

⁴⁴ São sempre seis horas da tarde agora. (Tradução nossa)

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AGUILAR, Emmerson. Sob a vigilância do tempo: afunde ou nade. In: COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 4., 2015, Japaratinga. **Anais eletrônicos...** Japaratinga: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, 2015.

_____. A disjunção do tempo e do espaço: o século XIX sob a perspectiva das tecnologias. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18., 2016, Caruaru. **Anais eletrônicos...** Caruaru: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016a.

_____. Sob a ditadura do tempo: a cultura da prensa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 39., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016b.

ALENCAR, Cláudio. **Histórias do rádio**. Maceió: Graciliano Ramos, 2004.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **A história escrita no chão**. Maceió: Edufal, 1997.

ÁVILA, Janayna da Silva. **Textos marcados: a crítica literária alagoana nos anos 60, 70 e 80**. Maceió: EDUFAL, 2013.

BAGGIO, Adriana Tulio; VAZ, Otacílio Evaristo Monteiro. Você com fronteiras: mobilidade, estabilidade e território em uma publicidade de telefonia fixa. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER. 5., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura, 2011.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.

BARROS, Elinaldo. **Panorama do cinema alagoano**. Maceió: EDUFAL: 2010.

BERTMAN, Stephen. **Hipercultura: o preço da prensa**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n° 37, pp.121-126, dez. 2008.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2006.

CARR, Edward H. **Que é história?** Paz e Terra: 1982. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_oral>. Acesso em: 17 de julho de 2016.

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in wonderland**. New York: Barnes & Noble, 2015.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 17 de julho de 2016.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo: brave modern world**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COELHO, Luiz Antonio L. **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ÉPOCA. **Especial Tecnologia**. São Paulo: Ed. Globo. Edição Especial nº 528. 30 jun. 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FREIXO, Manuel João Vaz. **Teorias e modelos de comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 19.ed. Loyola: São Paulo, 2010.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HOPKINS, Claude. **A ciência da propaganda**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1966.

KIRCHNER, Renato. **A fundamental diferença entre o conceito de tempo na ciência histórica e na física: interpretação de um texto heideggeriano**. Porto Alegre: Veritas, v.57, jan/abr 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, nº 1, pp.13-39, jan. 2004.

MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje em los nuevos medios de comunicación**: la imagen em la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MALHO, O. Edição nº 83, 3 jan.1935. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=83&ano=1935>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Edição nº 108, 27 jun.1935. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=108&ano=1935>>. Acesso em: 26 jul.2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORTIZ, RENATO. **Universalismo e diversidade**: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015.

PROSS, Harry; BETH, Hanno. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza; FERRO, Ricardo José Oliveira. Panorama do Rádio em Maceió. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula de Araújo. **São Vicente (RN) nos primeiros anos da TV**: memória, sociabilidade e cotidiano. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo** e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: EDUSP, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **Breve história das ferrovias**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/ferrovias.htm>>. Acesso em: 2 jul.2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VALDATA, Marcela. Memoria. In: SZURMUK, Mónica; IRWIN, Robert McKee (Coord.). **Diccionario de estudios culturales latinoamericanos**. México: Siglo XXI Editores, 2009.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 70, 07 abr. 2000. Disponível em:<[http:// veja. abril .com . br /acervo digital/home.aspx](http://veja.abril.com.br/acervo/digital/home.aspx)>. Acesso em: 25 jul. 2015.

VERÓN, Eliseo. **Ideologia, estrutura e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1967.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Apêndice A

Projeto de História Oral

1 Tema: História oral temática: as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da pressa, da aceleração do tempo e dos diferentes momentos da evolução das tecnologias da comunicação.

2 Justificativas do projeto

- a) Identificar, através das técnicas da História oral, práticas sociais associadas à percepção do tempo e possível relação destas com o surgimento e a expansão das principais tecnologias da Comunicação Social e das Mídias nos séculos XX e XXI.
- b) Investigar os conceitos: velocidade, pressa, instantaneidade, imediatismo, simultaneidade e aceleração.
- c) Identificar a construção e a representação que as tecnologias e as mídias fazem no processo da percepção do tempo.

3 Definição da colônia

Uma colônia é definida pelos padrões gerais de uma comunidade, ou seja, as características preponderantes que ligam a trajetória dos indivíduos. Sendo assim, foi escolhida a cidade de Maceió-AL como local para a realização das entrevistas, visto que o nível de desenvolvimento da cidade permitiu que fosse conseguido identificar as três principais fases da evolução das tecnologias da comunicação que são objetos de estudo deste trabalho. As três fases correspondem ao (1) período de predomínio das mídias impressas, do rádio e do cinema, (2) período de expansão da televisão e (3) momento da expansão do uso da internet e do advento das transmissões via satélite.

4 Formação de rede

Segundo Meihy, a rede “é uma subdivisão da colônia e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não” (1996, p.53). Partindo deste conceito e dos objetivos da dissertação para a qual este projeto foi criado, a escolha dos entrevistados prioriza apenas um critério: que os indivíduos a serem escolhidos tenham experiências a relatar sobre as fases apontadas na dissertação da evolução das tecnologias da comunicação. Os entrevistados devem ser divididos em três grupos, de acordo com a faixa etária, conforme descrito a seguir:

- a) Três entrevistados representantes da geração de 1930: este primeiro grupo representa a geração que vivenciou o período do predomínio dos jornais, das revistas, do rádio e do cinema. A escolha das entrevistas deve procurar cobrir toda a extensão da década, ou seja, os nascidos em 1933, 1937 e 1939, o que permitirá obter experiências diferenciadas no momento do levantamento dos dados.
- b) Três candidatos representando a geração de 1960: neste grupo, os entrevistados vivenciaram o período de expansão da utilização da televisão no Brasil, que surgiu na década de 50. Seguindo o mesmo critério e razões expostas no tópico anterior, devem ser entrevistadas nascidas em diferentes anos na década, como 1963, 1967 e 1969.
- c) Três entrevistas com a geração de 1990: período caracterizado pela expansão do uso da internet e do surgimento da televisão via satélite no Brasil. Assim como nos grupos anteriores, as entrevistas devem procurar coletar informações com pessoas nascidas em anos diferentes, como 1993, 1997 e 1999, caracterizando melhor toda a extensão da década.

5 Entrevista

Pontos importantes desta etapa:

- a) O colaborador deve ter conhecimento da gravação da entrevista. Isto poderá ser feito na pré-entrevista, onde o investigador explicará os objetivos do trabalho e todo o processo que será desenvolvido.
- b) Priorizar sessões únicas de gravação.
- c) As informações iniciais de cada entrevistado devem ser informadas no início de cada sessão de gravação.

6 Transcrição

As informações deverão ser transcritas, transformando em texto escrito o diálogo que for estabelecido entre o pesquisador e o entrevistado, e deverá estar disponível para posteriores consultas, se necessário.

7 Uso

Os textos autorizados, conforme carta de cessão, serão utilizados apenas em parte. Ou seja, serão priorizadas as informações que atenderem ao escopo dos objetivos da dissertação.

Apêndice B**Roteiro da Entrevista**

It's always six o'clock now: as gerações de 30, 60 e 90 sob a ótica da pressa, das acelerações do tempo e dos diferentes momentos da evolução das tecnologias da comunicação

Data da gravação ____ / ____ / ____

Entrevistado(a): _____ Nascimento ____ / ____ / ____

Entrevistador: _____ Local da gravação _____

1. Você sempre morou em Maceió?
2. Você estuda? Trabalha? Quando começou a trabalhar?
3. Você lê revistas? Com qual frequência?
4. Você lê jornais? Com qual frequência?
5. Você ouve o rádio? Com qual frequência?
6. Você assiste televisão? Com qual frequência?
7. Você vai ao cinema? Com qual frequência?
8. Usa a internet? Com qual frequência?
9. Qual a sua opinião sobre o tempo nos dias atuais?
10. As revistas, jornais, o rádio, a televisão, a internet e o cinema reforçam este seu pensamento sobre o tempo?
11. Como? Você pode dar um exemplo prático?
12. Alguma fotonovela, quadrinho, novela, programa de auditório, algum comercial da televisão, revista ou rádio dá a você uma confirmação desta sua percepção?
13. Você hoje se considera uma pessoa apressada? Por quê?
14. Você acha que as revistas, o jornal, o rádio, a TV, a internet e o cinema reforçam este “jeito de viver apressado”? Como eles fazem isto em sua opinião?
15. Em quais atividades você diria que estas mídias influenciam no ritmo de execução?

Apêndice C

Carta de Cessão

Eu, _____, _____ ,
documento de identidade número _____, emitida pela(o) _____, declaro para
os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura
para fins acadêmicos, a ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e
citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando
vinculado o controle a quem tiver a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Local e data
